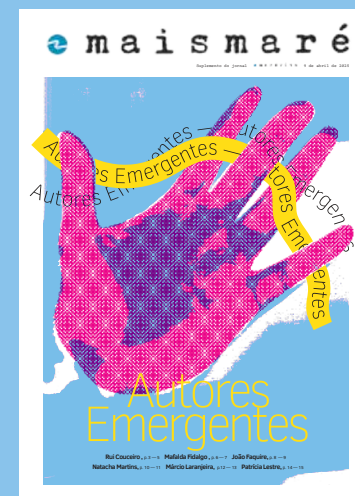


GLÓRIA ROCHA: VIVER COM O SENTIDO DOS OUTROS

na primeira
pessoa

Pag. 14 e 15

Natural de Argoncilhe, Santa Maria da Feira, Glória Rocha é um dos rostos mais conhecidos do trabalho social desenvolvido em Espinho. O seu percurso profissional começou pelo Ensino, mas pouco depois percebeu que queria mais. Foi assistente social em vários Centros de Saúde da Região, como Esmoriz, Santa Maria de Lamas, e Espinho. Fez parte do embrião que conduziria ao nascimento da Cerci-Lamas, da CerciEspinho, e da Universidade Sénior de Espinho, que preside há mais de duas décadas. Para além disso, participou no nascimento do primeiro Centro de Tratamento de Alcoólicos, também em Espinho. A história de uma vida em prol dos outros.



Não perca, nesta edição,
novo número do suplemento
"Mais Maré", centrado nos
"Autores Emergentes" da região

destaque Pag. 6 e 7

45 ANOS DO CENTRO SOCIAL DE PARAMOS: UM LEGADO DE AFETO, APOIO E ESPERANÇA

Inicialmente dedicada à infância, a instituição expandiu as suas respostas com o tempo, funcionando hoje como uma rede de apoio à comunidade

entrevista Pag. 10 e 11

AEML INTEGRA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO QUOTIDIANO ESCOLAR DE FORMA PEDAGÓGICA

Fernando Cunha está a coordenar uma equipa multidisciplinar de professores, que está a lecionar o uso responsável desta nova tecnologia

destaque Pag. 18

JUIZ EXIGE DOMÍNIO TÉCNICO "RIGOROSO" A PERITO DA OPERAÇÃO VÓRTEX

Arquiteto reconheceu vários erros de análise e admitiu não ter consultado determinadas normas

PUB

Feliz Páscoa

Que a serenidade e a esperança desta época iluminem os vossos caminhos, fortalecendo os laços e as memórias que dão sentido à vida.

Contacte-nos: +351 914 249 496 | geral@funerarianovaesperanca.pt | Rua 31 445, 4500-148 Espinho



AGÊNCIA FUNERÁRIA
NOVA ESPERANÇA

Luís Alves

nascente

“NASCENTE ENVOLVENTE” JUNTA ABRIL E MAIO PARA UM NOVO CICLO ANUAL DE PROGRAMAÇÃO CULTURAL



A Nascente – Cooperativa de Ação Cultural vai estreitar o projeto “Nascente Envolvente”, uma nova proposta cultural que unifica, sob um mesmo mote, as atividades que habitualmente desenvolve nos meses de abril e maio. Com o slogan “Abril abre portas, Maio ergue vozes”, a iniciativa pretende assinalar a ligação entre a Revolução do 25 de Abril e o nascimento da própria Nascente, que este ano celebra o seu 49.º aniversário, celebrando a liberdade de criar e de fazer através de uma programação diversificada.

O arranque do “Nascente Envolvente” está marcado para 12 de abril na sede da Nascente, com duas oficinas dedicadas à cerâmica: uma

às 09h30, pensada para pais e filhos, com o tema da Páscoa; e outra à tarde, às 15h00, de caráter mais livre e dirigida a adultos.

Na véspera do 25 de Abril, a “Grândola Noite” será um dos pontos altos do mês: a noite contará com música, teatro, poesia e o tradicional canto coletivo da “Grândola, Vila Morena”. Esta noite será protagonizada por grupos musicais e cénicos bem conhecidos, como os Tordilhões e o Teatro Popular de Espinho.

No Dia da Liberdade, a Sala António Gaio – Centro Multimeios de Espinho será tomada por um espetáculo de cantares e danças populares tradicionais, com início marcado para as 21h00, com três grupos de danças e cantares tradicio-

nais: Grupo de Danças e Cantares Regionais do Orfeão da Feira, Grupo Etnográfico de Danças e Cantares de Fermedo e Mato, Rancho Regional ‘Recordar é Viver’ de Paramos.

Ainda para este mês, mas sem data definida, há a intenção de levar o filme de animação “E se um dia a Liberdade” - realizado por alunos das escolas secundárias de Espinho, Ovar e da Escola Profissional de Música de Espinho - a uma escola secundária da região, convidando os participantes desta obra a prestarem o seu testemunho sobre esta experiência.

Em maio, a programação ganha novos contornos, com foco nas memórias da Nascente e na projeção de vozes emergentes. Assim, a

3 de maio, será inaugurada no Museu Municipal de Espinho a exposição “Safira, memórias de uma revolução”, composta por fotografias do fotojornalista Mário Marnoto, natural de Ílhavo, e textos do jornalista sueco Jan Norming, sobre a Reforma Agrária no Alentejo.

Irã também decorrer a tertúlia “Estórias da História” no dia 21, que reúne amigos e fundadores da Nascente para recordar o seu percurso; o regresso do Baile Folk ao Auditório Nascente no dia 24, com música e danças para todos; e a nova edição dos Contarilhos, a 24 e 25 de maio, com histórias para crianças e famílias, agora inspiradas no tema “Terra”.

CINANIMA abre inscrições para a 49.ª edição

Estão abertas, até 22 de junho, as inscrições para a 49.ª edição do CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho. Os interessados deverão submeter os seus filmes através da plataforma FilmFreeway, sendo admitidas obras de animação de todo o mundo.

Na vertente internacional, os realizadores poderão concorrer nas categorias de curtas-metragens (até 50 minutos), longas-metragens (mais de 50 minutos) e filmes de estudantes (obras até 30 minutos realizadas por estudantes ou finalistas).

Os autores portugueses poderão ainda disputar os prémios da competição nacional: o Prémio António Gaio e o Prémio Jovem Cineasta Português, este último dividido entre filmes realizados por jovens até aos 18 anos e primeiras obras de realizadores entre os 18 e os 30.

A edição deste ano marca ainda a estreia da competição “All Aboard!” - uma nova secção que reforça a diversidade da programação.

Tal como em edições anteriores, apenas serão admitidas obras concluídas após 1 de janeiro de 2024. A única exceção aplica-se à competição internacional de longas-metragens, na qual podem ser submetidos filmes finalizados após 1 de janeiro de 2023. Nenhum dos filmes poderá ter sido submetido para seleção em edições anteriores do festival. O regulamento está disponível para consulta no website do CINANIMA.

Nascente convoca Assembleia Geral para 11 de abril

A Nascente – Cooperativa de Acção Cultural vai realizar uma Assembleia Geral Ordinária no dia 11 de abril de 2025, sexta-feira, pelas 20h30. A reunião terá lugar na sede da cooperativa, localizada na Rua 62, n.º 251, Espinho.

Entre os principais pontos da ordem de trabalhos estão a apreciação e votação do balanço, relatório e contas da Direção, bem como o parecer do Conselho Fiscal relativo ao ano de 2023. A assembleia deliberará ainda sobre a aprovação das atas de reuniões anteriores e sobre a eventual exclusão de cooperadores por violações estatutárias.

Caso não esteja presente a maioria dos sócios com direito a voto à hora marcada, a Assembleia poderá decorrer com qualquer número de cooperadores uma hora depois, conforme previsto nos estatutos da cooperativa.

PUB

a maré chega por correio

Assine já
agenda.mareviva@gmail.com



18€/ano

50 edições digitais +
5 edições especiais em papel
com suplemento temático

opinião

É possível ler o mesmo livro duas vezes?



Rita Betânia
Professora

Pegar num livro e lê-lo de enfiada numa tarde ou num serão é, para mim, uma memória tão distante que até me parece utópica. Sinto-me em falta para comigo por ter praticamente banido em mim essa disponibilidade para entrar num livro e só sair na última página. Também me sinto em falta por não ler consistentemente todos os dias ao final do dia, antes de adormecer. Tenho sempre livros por perto, mas é frequente olhar para eles pedindo clemência e acabar por não lhes pegar, porque o dia tem mesmo de terminar. Tive sempre a capacidade de ler em qualquer momento, em qualquer lugar. Em tempos, andava sempre com um livro na mochila ou na bolsa, e fazia parte aproveitar vários minutinhos de inatividade ao longo do dia para ler. Nos tempos anteriores aos “smartphones”, talvez. O livro que acabei de ler na semana passada era sobre viagens. Tinha sido um presente e por isso quis lê-lo. Nunca gostei de insistir na leitura de algo que não me tenha cativado logo nas primeiras páginas, o que foi o que

aconteceu. Gosto, e muito, de outros livros do mesmo autor, mas aquela não era uma viagem para levar até ao fim. A dada altura, dei por mim a despachar a leitura. Estava com pouca paciência, a ler na diagonal, e senti-me envergonhada: estava a ser mal-educada com o autor. Tentei focar-me, baixar o ritmo da leitura, voltar a atentar nas palavras, uma a uma, devagar. Mas o livro não era mesmo para mim. Ou apenas não era para mim naquele momento em particular! Decidi adiar a leitura, acabando por me lembrar que já tantas vezes me tinha me acontecido tentar ler um livro e não gostar e, anos mais tarde, ao dar-lhe uma segunda oportunidade, quando lhe peguei, não o larguei. O que me fez pensar noutra questão: quando lemos um livro uma segunda vez, estaremos mesmo a ler o mesmo livro? Quando vamos duas vezes ao mesmo lugar, as casas são exatamente as mesmas, as árvores, as estradas. Mas a nossa experiência de lá estar não se repete igual. Nada

mudou, mas nós, que lá vamos duas vezes ao mesmo lugar, não estamos iguais. Quando lemos um livro pela segunda vez, os caracteres são os mesmos, as palavras não mudaram de sítio. Mas o nosso “estado do tempo” não é o mesmo – a nossa predisposição, o nosso ânimo, a nossa energia. Isto, porque o que nos aconteceu, as experiências por que passámos nesse entretanto fizeram-nos mudar; nunca sermos iguais ao que já fomos. A experiência de ler um livro que já tínhamos lido não é, por isso, igual. Além disso, o facto de conhecermos o desfecho da história ou a conclusão faz com que, enquanto lemos, não estejamos com aquela ânsia de conhecer o fim e tenhamos outra predisposição para atentar na beleza das palavras, nas entrelinhas das frases, na estrutura do texto e para além da estrutura. Há sempre mais num livro do que aquilo que lá está, porque nós leitores, não somos seres passivos: interagimos com ele e, indiretamente, com que o escreveu. Há uns quatro ou cinco livros que

tenho relido de forma cíclica ao longo da minha existência. São livros camaleónicos que, de cada vez que regresso a eles, os vivencio de forma diferente. Compreendo melhor alguns personagens, as suas decisões e movimentações; interpreto de outra forma o enredo da história como um todo e as interações entre os acontecimentos; reparo em alguns detalhes que me tinham escapado nas outras leituras; penso mais a fundo nos sentimentos, traços e valores dos personagens; tento descobrir indícios prévios do desfecho que, em tempos, não tinha notado... Enfim, embrenho-me nele por novas portas, salto por outras janelas, olho-o de outras esquinas. Rer um livro não é, de todo, uma perda de tempo. Quer seja um livro de que tenhamos gostado muito, um livro de que não tenhamos gostado nada ou um livro com o qual tenhamos aprendido muitas coisas – esses valem certamente a pena revisitar!

Cordeiros ao estilo “studio ghibli”



Tiago Afonso
Violinista

Vivemos na era da padronização. O avanço da inteligência artificial e das tecnologias automatizadas trouxe-nos um mundo onde a criatividade, a genialidade e a individualidade correm o sério risco de se tornarem meros resquícios de um passado em que o esforço humano ainda era preponderante. À medida que as ferramentas digitais tornam mais fácil a replicação de estilos, ideias e conceitos, a sociedade caminha perigosamente para um conformismo estético e intelectual que ameaça não só a arte, mas a própria essência da evolução humana. Recentemente, um fenómeno ilustrou de forma inequívoca esta tendência: a viralização de uma IA que transforma imagens em estilo ‘Studio Ghibli’. Em poucos dias, as redes sociais foram inundadas com ilustrações geradas automaticamente, todas seguindo a mesma estética encantadora que tornou o estúdio japonês famoso. O que inicialmente parecia um tributo tornou-se uma reprodução massiva e impessoal, onde a identidade do criador se diluiu em variações mecânicas de um mesmo modelo. Este episódio não só demonstrou a facilidade com que um estilo pode ser replicado sem qualquer esforço criativo, mas também levantou questões sobre o futuro da arte e da originalidade, num mundo totalmente dominado pela automatização. A criatividade sempre foi o motor

do progresso. Foi através do questionamento, da experimentação e da inovação que a humanidade construiu as suas grandes realizações. No entanto, assistimos agora a uma era em que a originalidade é sufocada por um sistema que valoriza a conveniência sobre o conhecimento, a rapidez sobre a profundidade e a aparência sobre o conteúdo. A inteligência artificial, usada indiscriminadamente, torna-se uma máquina de reciclagem de padrões já existentes, substituindo o pensamento criativo por uma síntese algorítmica de dados. O resultado? Um mundo visualmente agradável, mas intelectualmente vazio. A uniformização do pensamento não se restringe à arte. Está presente na educação, na comunicação, na política e até na forma como as relações humanas se desenvolvem. Os algoritmos determinam o que lemos, o que ouvimos, o que vemos e, em muitos casos, o que pensamos. As redes sociais, outrora um espaço de diversidade e expressão, transformaram-se em bolhas de repetição onde o diferente é filtrado e a complexidade é simplificada ao extremo. O pensamento crítico deu lugar ao consumo imediato de conteúdos pré-formatados, e a capacidade de reflexão foi substituída pela aceitação passiva do que nos é servido. Na arte e na cultura, este fenómeno manifesta-se de forma alarmante. A ilusão de que qualquer pessoa pode criar algo sofisticado com um simples

comando de IA leva ao desinteresse pelo estudo e pela prática das artes. O esforço para aperfeiçoar uma técnica, compreender um conceito ou desenvolver um estilo próprio torna-se obsoleto quando a tecnologia promete resultados instantâneos e sem esforço. Se tudo pode ser gerado em segundos, porque investir anos a aprender e a criar? O problema é que a verdadeira arte não se resume à estética; carrega história, emoção, intenção e identidade. Quando essa profundidade desaparece, o que nos resta é um simulacro de criatividade, sem alma nem autenticidade. A padronização não se reflete apenas na produção artística, mas também na forma como o conhecimento é tratado. A educação, outrora um espaço de construção do pensamento e do espírito crítico, está cada vez mais reduzida a um sistema mecanizado, focado em resultados imediatos e métricas de produtividade. O aprender pelo prazer da descoberta cede espaço ao aprender pelo cumprimento de objetivos formatados. Os alunos deixam de questionar, os professores deixam de inspirar e o conhecimento transforma-se num produto de consumo rápido, sem aprofundamento nem reflexão. Se a tendência continuar, corremos o risco de viver num mundo onde a criatividade é uma exceção e não a norma, onde o conhecimento é superficial e onde a individualidade é substituída por uma imitação de inte-

ligência. A genialidade, que nasce do esforço, da inquietação e da vontade de inovar, não pode ser replicada por algoritmos nem por fórmulas predefinidas. Mas se a sociedade continuar a desvalorizar o pensamento crítico e a expressão genuína, poderemos em breve encontrar-nos num mundo de repetição infinita, onde tudo se parece com tudo e ninguém se destaca verdadeiramente. O verdadeiro progresso não está na facilidade da reprodução, mas na dificuldade da criação. Não está no resultado imediato, mas no processo que exige reflexão, tentativa e erro, persistência e originalidade. A arte, a ciência, a educação e a cultura são patrimónios vivos da humanidade precisamente porque foram construídos com esforço e dedicação. Quando deixamos de valorizar esse processo, não estamos apenas a comprometer o presente, mas a hipotecar o futuro. Ainda há tempo para inverter este rumo. Cabe-nos escolher entre a passividade de um mundo estéril ou a ousadia de um mundo vibrante, onde a criatividade e o conhecimento sejam celebrados, e não descartados. A questão não é se a IA pode replicar a arte, mas se queremos abrir mão da profundidade, da autenticidade e da individualidade que fazem da humanidade algo verdadeiramente único.

Ficha Técnica
Diretor Henrique Neves
Subdiretor Ricardo Gouveia
Editor e Redator Principal Joel de Oliveira
Projeto gráfico António Coxito
Redator Rafael Oliveira
Fotografia Joel de Oliveira
Paginação Beatriz Silva
Apoios e Parcerias Cristina Novo
Publicidade Margarida Pinho
Tesouraria Cristiano Ribeiro
Promoção Institucional Catarina Ferreira

Colaboradores Rita Betânia e Tiago Afonso
Redação e Paginação Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 355
E-mail jornal@mare-viva.pt
Redação e Secretaria Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 357
Propriedade Nascente – Cooperativa de Acção Cultural, CRL
Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
NIF 500 615 268
Número de registo do Título

104499, de 28/06/76
Sede do editor: Rua 62, n251, 4500-241 Espinho
Sede do impressor: Rua de São Brás, n1, 4710-073 Braga
Tiragem: 1000 exemplares
Depósito Legal 2048/83
Os textos de Opinião publicados nesta edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, não vinculando, direta ou indiretamente, o cariz editorial e informativo deste jornal.
Estatuto editorial:

O Maré Viva, enquanto propriedade de uma Cooperativa de Acção Cultural e Jornal de carácter regional, propõe-se:
- Noticiar de forma independente, objetiva e isenta, todos os factos importantes da vida política, social, cultural e desportiva regionais;
- dar um especial ênfase a todas as manifestações de carácter cultural, procurando, com a respetiva divulgação, contribuir para o fomento cultural da região;
- Defender sempre, de forma intran-

sigente, os princípios constitucionais da República Portuguesa, procurando, desse modo, contribuir para que sejam alcançados os grandes desígnios nacionais;
- Respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação.

cultura agenda



10 A 13 DE ABRIL – TEATRO
“Victor ou as crianças no poder”
Teatro Carlos Alberto – TNSJ
19h00/21h00

Tudo acontece num único serão, entre as oito e a meia-noite, no apartamento dos Paumelles, em Paris. É dia 12 de setembro de 1909, Victor faz nove anos e declara com estrondo: “Não espero nem mais um ano para ser adulto. Estou decidido a ser alguém e é já!” Victor ou as Crianças no Poder – divertimento dadaísta escrito pelo poeta e dramaturgo francês Roger Vitrac (1899-1952), estreado em 1929 sob a direção de Antonin Artaud – é um grito de desafio contra todas as convenções sociais e familiares. Levantada pelos Artistas Unidos e Os Possessos, a peça assinala os dez anos desta companhia cofundada por João Pedro Mamede, que aqui também assume o papel de encenador. Combinando paródia e tragédia íntima, Victor ou as Crianças no Poder é uma obra-prima precursora do teatro do absurdo.



10 DE ABRIL – MÚSICA
Yakuza
Centro de Arte de Ovar
23h00

Os Yakuza estão de volta com um novo álbum. Depois do aclamado e celebrado ‘AILERON’, a banda fez-se ouvir em palco durante os anos que se seguiram. Pelo caminho, ainda pudemos ouvir versões de músicas suas em concerto com ‘LIVE at Festival Iminente’, um natural indicador de uma banda que não se ficou pelo estúdio e que, tanto na pandemia como depois, se ocupou com esta importante faceta da sua música. Yakuza é um coletivo móvel, um grupo de músicos experientes que nunca foi dado a estas noções fronteiriças. No novo álbum ‘2’ há apenas a certeza que Afonso Serro, Afta3000, Pedro Ferreira, Alexandre Moniz e Pedro Nobre são os cinco dedos de uma mão que transborda impressões digitais únicas. Há uma direção estética que aponta para os recantos mais modernos do jazz, mas não ignora a eletrónica e a vontade de dançar que existe entre os sintetizadores, a bateria sincopada, os teclados luxuosos e as linhas de baixo movimentado e possante.



11 DE ABRIL – TEATRO
“Estás a brincar ou quê?”
Casa da Criatividade – SJ da Madeira
21h30

É na mesma casa da sua infância onde, 15 anos depois, Júlia, Joaquim e Joana reencontram os seus brinquedos. Tal como a casa, abandonaram os seus sonhos e os seus traços – mas o passado permanece e assombra-os. “Estás a brincar ou quê?”, um teatro musical infantojuvenil, com música ao vivo pela Academia de Música de São João da Madeira, que nos mostra o quão controlados podemos ser pelo passado... ainda que de uma frase tão luminosa como a de se ser criança.



12 DE ABRIL – MÚSICA
Frederica Vieira Campos
Teatro Municipal Rivoli – Porto
16h30

Frederica Vieira Campos é uma Harpista / artista multidisciplinar portuense, licenciada em harpa como bolseira pelo Royal College of Music Londres e atualmente no Mestrado em Artes e Tecnologias do Som na ESMAE Porto. Para além da música clássica e de trabalho orquestral, Frederica explora a improvisação e a música experimental, integrando harpa e eletrónica em colaborações e práticas multidisciplinares, incluindo dança, vídeo e arte comunitária. Apresentou-se em salas como Teatro Municipal do Porto, Casa da Música, Passos Manuel, Mala Voadora, Maus Hábitos e Socorro (Porto); Teatro São Luiz e Carpintarias de São Lázaro (Lisboa); 12 Star Gallery (Londres); Maison du Portugal (Paris); Festspielhaus (Dresden).



12 DE ABRIL – MÚSICA
DJ Set Rui Miguel Abreu & Discolagens
Centro de Arte de Ovar
17h00

Rui Miguel Abreu e João Palavra serão responsáveis pelos DJ Sets durante o festival de jazz de Ovar. Tanto Rui Miguel Abreu como João Palavra são apaixonados por música, com o jazz a servir-lhes, muitas vezes, de inspiração para a aproximação a outros géneros, do hip hop à soul e bem mais além. Será com fundo recurso às suas respetivas coleções de discos que irão decorrer as viagens que nos vão propor nas suas intervenções, oferecendo-nos uma possível banda sonora para os interlúdios entre concertos ou as conversas que se sucederão às atuações.



12 DE ABRIL – TEATRO
“Um musical no fundo do mar”
Auditório Municipal de Gaia
21h30

A ACMA – Associação Cultural e Musical de Avintes leva ao palco do Auditório “Um Musical no Fundo do Mar”, com encenação de Helder Sousa. No fundo do mar existe uma sereia que, por acaso, é uma pequena bela e espirituosa jovem sereia com sede de aventura. A mais jovem das filhas do Rei dos Mares e a mais desafiadora, anseia por descobrir mais sobre o mundo além do mar e, enquanto visita a superfície, apaixona-se pelo arrojado Príncipe. Enquanto as suas irmãs sereias são proibidas de interagir com humanos, a pequena sereia decide seguir o seu coração. Então faz um acordo com a malvada bruxa do mar, que lhe dá a chance de experimentar a vida em terra, mas acaba por colocar a sua vida – e a coroa do seu pai – em risco.



12 DE ABRIL – MÚSICA
Orquestra Portuguesa de Guitarras e Bandolins
Cineteatro António Lamoso
21h30

Com um repertório baseado em obras originais e transcrições, e possuidora de uma sonoridade e estilo únicos aliados ao rigor interpretativo, esta é uma das melhores orquestras europeias. Neste concerto será apresentado o projeto “Nova Música – Temporada de 5 Novas Obras em 5 Concertos”, com a estreia de uma obra de Fátima Fonte.



16 DE ABRIL – MÚSICA
Concerto de Páscoa – “Requiem de Mozart”
Igreja Matriz de Espinho
21h30

Na noite de 16 de abril, Espinho acolhe um momento musical de grande solenidade com a interpretação do Requiem de Mozart. O concerto de Páscoa terá lugar na Igreja Matriz de Espinho, a partir das 21h30, com entrada livre, sujeita à lotação do espaço. O evento conta com a participação da Orquestra Clássica de Espinho e do Coro Sinfónico Inês de Castro, sob a direção musical do maestro Jean-Marc Burfin. A preparação coral fica a cargo do maestro Artur Pinho Maria. O elenco de solistas inclui nomes de relevo no panorama nacional e internacional: Leonor Barbosa de Melo (soprano), Gisela Sachse (mezzo-soprano), Pedro Rodrigues (tenor) e Rui Silva (baixo).

cultura notícias



6ª BIENAL INTERNACIONAL DE GAIA EXPÕE VALORES DE ABRIL PELAS MÃOS DOS MAIS JOVENS

A 6.ª edição da Bienal Internacional de Arte de Gaia decorre até 12 de julho, na Quinta da Fiação de Lever, em Vila Nova de Gaia. O evento reúne 51 exposições, das quais 25 são coletivas e 26 individuais, contando com a participação de mais de 250 artistas. A cerimónia de encerramento terá lugar na Reitoria da Universidade do Porto, com a inauguração da exposição coletiva "Gabinete de Curiosidades/Museu de Causas".

O artista Lagoa Henriques será homenageado nesta edição, com uma exposição dedicada à sua obra, composta por desenhos e esculturas. Entre os principais momentos da programação está a exposição "A Comemoração dos 50 anos de Abril de 1974 vai às Escolas", com trabalhos produzidos por alunos, e a mostra de 40 cartoonistas de diferentes países, integrada no Porto Cartoon – World Festival. A Bienal inclui

ainda uma série de exposições de livros de artistas, que envolvem 11 mostras individuais e uma exposição coletiva. Estarão presentes livros de autores como Valter Hugo Mãe, Rui da Graça, Nazaré Álvares, Celeste Ferreira e Miguel Carvalho. Fazem também parte da programação exposições como "Bandeiras pela Paz", promovida pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação, e outra composta por

trabalhos de artistas portugueses e espanhóis. O programa inclui tertúlias, residências artísticas e a exposição coletiva do Concurso Internacional, que contará com a atribuição do Grande Prémio da Bienal da Câmara Municipal de Gaia, ao qual concorreram 162 artistas.

Shortcutz regressa em abril com a 9.ª temporada dedicada ao cinema em curta-metragem

O Shortcutz Ovar está de regresso para a sua 9.ª temporada. Entre 17 de abril e 26 de junho de 2025, a Escola de Artes e Ofícios volta a acolher sessões mensais que trazem à cidade um conjunto de obras nacionais em formato curto, acompanhadas pelos seus realizadores. Cada sessão apresenta três curtas-metragens em competição, seguidas de uma conversa moderada por Tiago Alves, num ambiente descontraído e próximo do público. O formato incentiva a troca de ideias e o contacto direto com os criadores, promovendo uma experiência próxima do cinema, tanto para cinéfilos, como para novos públicos.

Liberdade de Frida Kahlo chega a Espinho já no próximo mês

A 2 de maio, pelas 21h30, o Auditório de Espinho – Academia acolhe a peça "Frida Kahlo, a filha da grande manhã", levada a cena pelo grupo de teatro Trigo Limpo, da Associação Cultural e Recreativa de Tondela (ACERT). O espetáculo surge como um exercício de dramaturgia de

adaptação livre, feito a partir da obra "Frida e as cores da vida", de Caroline Bernard, que toca nos universos da feminilidade, história, arte e liberdade a partir da trajetória de Frida Kahlo. A música de cena interpretada ao vivo habitará as telas de memórias dum imaginário profundamente mexicano. O espetáculo percorre um percurso de vida que sublinha a importância de uma emancipação sem estereótipos e preconceitos. Uma narrativa teatral que adapta os escritos de Frida Kahlo, fazendo deles objetos de diálogo com homens e mulheres determinantes no percurso de uma artista que nunca pretendeu ser endeusada.

PIM comemora o Dia Nacional dos Moinhos em São Félix da Marinha

A Associação Património, Identidade e Memória (PIM) de São Félix da Marinha está a preparar-se para comemorar o Dia Nacional dos Moinhos na freguesia. A iniciativa está marcada para dia 12 de abril, às 15h00, e contará com a apresentação da publicação "Moinhos de São Félix – Uma Freguesia com História", centrada no passado - e desejável futuro - destas estruturas a nível local. O ponto de encontro será no Moinho d' "O Bengala" (Beco da Ponte – Sanfins), e haverá ainda tempo para uma palestra em torno dos moinhos tradicionais, uma visita ao "Bengala", uma merenda/convívio, e ainda um momento musical, protagonizado pelo Grupo de Cavaquinhos de São Félix da Marinha.

Maria João celebra 40 anos de carreira no Centro de Arte de Ovar

A cantora Maria João sobe ao palco do Centro de Arte de Ovar no próximo dia 12 de abril, pelas 21h30, para apresentar o seu novo espetáculo "Abundância", que marca também a celebração dos seus 40 anos de carreira. O concerto ficará marcado pelo lançamento do novo disco, gravado entre Moçambique e Lisboa, com a colaboração de músicos locais e um coro moçambicano que confere ao projeto uma identidade singular. O projeto, produzido por Luís Fernandes, celebra a diversidade, as raízes culturais e a comunicação emotiva através da voz.

destaque

45 anos do Centro Social de Paramos: um Legado de Afeto, Apoio e Esperança



O Centro Social de Paramos (CSP) celebra 45 anos de história, marcados por um percurso de crescimento e dedicação à comunidade. Fundado pouco depois do 25 de Abril, consolidou-se como um dos pilares sociais da freguesia. Inicialmente dedicado apenas à infância, o CSP expandiu-se ao longo dos anos, abrangendo também a terceira idade e uma vasta rede de apoio à comunidade.

“O Centro Social começou pequenino, começou do nada, foi-se expandindo, construindo, alargando, foram-se criando mais valências e a instituição, hoje, é conhecida pelo muito que faz, ao nível do Concelho, do Distrito e até de Portugal”, afirma Américo Castro, presidente do CSP. Desde então, a sua evolução tem sido visível, com a construção de novas infraestruturas, contando já com três edifícios, e também novos serviços, criados com o objetivo de responder às necessidades da população.

“O nosso trabalho é reconhecido, temos listas de espera, o que demonstra a qualidade do serviço que prestamos. Substituímo-nos, em parte, à própria Câmara Municipal de Espinho, que não tem um serviço social muito alargado”, acrescenta o presidente.



Infância e Juventude: Crescimento e Qualidade

O CSP tem uma forte presença no apoio à infância e juventude, com creche, jardim de infância e Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL). Atualmente, acolhe 202 crianças, um número que reflete a procura e a confiança das famílias nos serviços prestados. “Temos 100 crianças, em berçário e creche, 57 em pré-escola, 45, em CATL, e uma resposta educativa sólida que nos distingue a nível concelhio”, afirma Américo Castro.

A instituição trabalha para garantir “um ambiente educativo de excelência”, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o bem-estar emocional e social das crianças. Além das atividades regulares, a proximidade com as famílias é uma prioridade dos intervenientes do CSP.



Terceira Idade: Uma Resposta Abrangente

A instituição expandiu a sua ação para incluir a terceira idade, com a criação do centro de dia, apoio domiciliário e uma estrutura residencial para idosos, o Lar S. José. Atualmente, o CSP acompanha 30 utentes no lar, 40 no centro de dia e 30 no apoio domiciliário, oferecendo um conjunto de serviços que procuram garantir qualidade de vida e dignidade aos mais velhos.

O envelhecimento da população tem sido um desafio crescente, com as taxas de abandono de idosos a aumentar por todo o país, neste

sentido, o CSP tem procurado “estar à altura das necessidades”. Américo Castro explica que a resposta do Centro Social não se limita ao cuidado básico, mas procura proporcionar atividades de lazer, estimulação cognitiva e socialização aos idosos. “Aqui, cada utente é tratado com respeito e carinho. O objetivo é que se sintam em casa e tenham qualidade de vida, independentemente da idade. Nós levamos amor, levamos alegria a cada um deles”.



GAV: Um Pilar no Combate à Violência Doméstica e de Género

Entre os serviços do CSP está ainda o Gabinete de Apoio à Vítima (GAV), criado em 2018, sendo parte da Estrutura de Atendimento Espaço Bem Me Quero, integrado, apenas recentemente, na Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica (RNAVVD). O GAV presta apoio social, psicológico e jurídico às vítimas, garantindo um acompanhamento próximo e seguro.

“A violência doméstica é um problema sério e transversal. As pessoas associam sempre, quando se fala de vítimas de violência doméstica, ao marido que maltrata a mulher. Mas não é só isso. A maioria dos problemas está nas crianças. As crianças são vitimadas, são as grandes vítimas da violência doméstica”, sublinha o presidente da instituição.

Os números de 2024 refletem a dimensão deste trabalho: 91 pessoas foram atendidas, surgiram 65 novos casos (61 mulheres, 4 homens), realizaram-se 322 atendimentos, com 47% a resultar em medidas concretas para a segurança e autonomia das vítimas. No que respeita à distribuição dos novos casos por concelho: 41 foram em Espinho, 17 em Ovar, 5 em Vila Nova de Gaia, 2 em Santa Maria da Feira e 1 em Oliveira de Azeméis.

Além do atendimento individualizado, o GAV desenvolve ações de sensibilização e formação sobre violência doméstica e de género, dirigidas a escolas, autarquias e outras entidades locais. “A sensibilização é fundamental para a prevenção. Queremos que as vítimas saibam que há apoio disponível e que não estão sozinhas”, reforça o responsável.

Serviço Comunitário: Apoio Global à População

O trabalho do CSP não se limita às crianças e idosos, mas estende-se a toda a comunidade. Fruto do seu compromisso social, a instituição desenvolve projetos que incluem apoio alimentar a famílias carenciadas, iniciativas de voluntariado, programas de intervenção comunitária e até uma lavandaria solidária: o Balneário Social.

Além da sede da instituição, o lar e centro de dia, o CSP alberga ainda o edifício CIC, onde funcionam várias valências, como o Centro Comunitário, a equipa de rua “Uma Vida”, os apartamentos partilhados para pessoas em situação de vulnerabilidade, designados “Raízes Solidárias” e diversas ações sociais. “Fazemos um trabalho muito abrangente, que vai além do espaço físico do CSP. Atuamos diretamente na comunidade, levando apoio a quem mais precisa”, reforça Américo.

Segundo Américo Castro, o crescimento da instituição é resultado de uma gestão eficiente e de uma procura constante por novas oportunidades de financiamento. “Apresentamos candidaturas a diversos programas, o que nos permite manter um serviço de qualidade e garantir emprego a quase 100 pessoas. Somos, hoje, uma das maiores entidades empregadoras do concelho”, destaca o presidente.



Uma Instituição Preparada para o Futuro

Com 45 anos de história, o CSP continua a olhar para o futuro com determinação. Há já várias atividades de celebração do aniversário programadas, mas também grandes projetos, entre os quais, a construção de mais uma nave para o Lar e Centro de Dia S. José, a criação de uma infraestrutura própria para as atividades de Infância e várias candidaturas para avançar com novas atividades.

Num mundo em constante mudança, Américo Castro sublinha aquele que considera o motor para a instituição prevalecer: “O segredo do nosso sucesso está na nossa capacidade de adaptação, na nossa astúcia, inteligência, pela captação que fazemos de todos os projetos, todas as candidaturas que apresentamos”, destaca, reforçando que nada seria possível sem a equipa “ativa e empenhada” que compõe o CSP.

O presidente do Centro Social de Paramos deixa uma mensagem a toda a comunidade: “tudo aquilo que fazemos, fazemos bem, com carinho, com amor, com entrega e com dedicação. Estamos preparados para receber as crianças e ajudá-las a dar os primeiros passos, a caminhar e a crescer na vida, e, no caso dos nossos idosos, para lhes dar um fim de vida com mais dignidade, com mais qualidade e mais carinho.”

A celebração dos 45 anos do CSP é, acima de tudo, um tributo ao esforço coletivo de todos os que contribuíram para o seu crescimento: dirigentes, colaboradores, voluntários e a própria comunidade. A instituição segue firme no seu propósito de apoiar, cuidar e inovar, garantindo um futuro mais solidário para todos.

PUB



O verdadeiro sentido da Páscoa é a ressurreição da esperança e o respeito de uns para com os outros.

O Executivo da Junta e a Assembleia de Freguesia de Paramos desejam a todos os Paramenses e seus emigrantes, uma santa e feliz Páscoa.

O Presidente da Junta
Manuel de Oliveira Dias



da terra



O Complexo Habitacional da Quinta, em Paramos, será alvo de uma requalificação abrangente, com um investimento base de 3.687.540,02 euros (sem IVA). A empreitada, que abrange seis blocos habitacionais, tem como objetivo melhorar as condições de habitabilidade e segurança dos moradores e promover a integração do bairro no tecido urbano da freguesia.

A Câmara Municipal de Espinho aprovou, em reunião extraordinária, a adjudicação do projeto por unanimidade, com declarações de voto dos vereadores do Partido Social Democrata (PSD) e do socialista Luís Canelas. O contrato de execução aguarda, agora, o visto do Tribunal de Contas para fiscalização prévia, um passo necessário antes do lançamento do concurso público para seleção da empresa responsável pela obra.

Após o início das obras, prevê-se que a requalificação esteja concluída no prazo de nove meses. Entre as intervenções planeadas estão a renovação de infraestruturas degradadas, a melhoria dos acessos e a criação de novas áreas comuns, contribuindo para uma maior qualidade de vida dos residentes.

Este projeto insere-se num plano mais amplo de regeneração urbana e social do concelho, sendo financiado, maioritariamente, pelo programa NORTE 2020. Além de proporcionar melhores condições aos habitantes, a intervenção visa também reduzir o isolamento da comunidade e reforçar a segurança na zona.

Lufthansa Technik arranca com contratações para nova unidade em Santa Maria da Feira

A Lufthansa Technik já deu início ao processo de recrutamento para a sua nova unidade industrial, em Santa Maria da Feira. O projeto, que envolve um investimento significativo, prevê a criação de mais de 700 postos de trabalho na fábrica dedicada à manutenção e reparação de peças de motores e componentes de aviões.

A futura unidade, que ocupará uma área de 54 mil metros quadrados, será equipada com as mais recentes tecnologias do setor de manutenção, reparação e revisão (MRO). O início

da construção está previsto para 2026, com o arranque da produção estimado para o final de 2027. Para garantir a formação adequada dos trabalhadores, a empresa planeia inaugurar um centro de formação local, já em 2025, preparando assim os primeiros colaboradores para a nova operação.

Este investimento reforça o compromisso da Lufthansa Technik com Portugal e a importância estratégica da localização em Santa Maria da Feira, beneficiando-se da estabilidade política, da qualidade das infraestruturas e do acesso a uma mão de obra qualificada. A decisão contou com o apoio da AICEP e da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, que acompanharam o processo, desde as fases iniciais.

As candidaturas para os primeiros postos de trabalho serão disponibilizadas online, nas próximas semanas, abrangendo diversas funções, desde mecânicos e técnicos de eletrónica a engenheiros e gestores de processos.

Luís Montenegro lamenta a “campanha de desinformação e manipulação”

O Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, reagiu às críticas recentes relacionadas com um parecer jurídico emitido, durante a sua atuação enquanto advogado da Câmara Municipal de Espinho. O parecer, solicitado pela autarquia, está no centro de uma polémica que envolve a construção da moradia de Montenegro, em Espinho. O projeto foi alvo de críticas, devido ao alegado uso de betão em grande quantidade e à vinculação da obra com interesses pessoais.

Montenegro acusou os seus críticos de estarem a promover uma “flagrante e inconcebível

campanha de desinformação e manipulação de factos”, destacando que o parecer emitido se limitava a uma análise jurídica do projeto de requalificação do canal ferroviário da cidade, e não envolvia questões técnicas ou relacionadas com a construção da moradia. O Primeiro-Ministro sublinhou que o uso de betão, que foi criticado, não foi uma decisão sua e que o seu parecer não teve qualquer ligação com o tipo de material utilizado na obra.

A situação foi divulgada pelo Correio da Manhã, que associou o parecer a possíveis conflitos de interesse. O líder do Governo refutou as acusações e garantiu que o parecer foi auditado pelo Tribunal de Contas, que não encontrou irregularidades.

A polémica gerou um forte debate político, com figuras do Partido Socialista a questionarem a transparência do parecer, enquanto Montenegro se manteve firme na defesa da sua atuação, alegando a que a campanha de acusações carece de fundamento.

PUB



Rua 23, Nº50
4500-802 Espinho
Tel.:224 951 894

PUB



Los Guapos
Vestuário de senhora
Rua 23, nº 338 Espinho
Telef.: 227320294 Tlm.: 935661883

PUB



Feliz Páscoa
PRIMOR

Rua 19, nº 883 - Espinho T. 227342305



A recente decisão do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde - Gaia e Espinho (ULS-GE) em transferir cerca de 1.500 utentes do Centro de Saúde de Espinho para o Centro de Saúde de Paramos tem gerado preocupações entre os partidos políticos locais. Em comunicado, PSD e PS de Espinho expressaram preocupação com a medida que, segundo ambos, afeta a qualidade dos cuidados de saúde prestados à população espinhense.

A secção de Espinho do PSD explica que esta transferência dos utentes decorre da cessação do vínculo de uma médica de família e que a mudança entrou em vigor no dia 1 de abril.

De acordo com o partido, os utentes que não aceitarem a transferência poderão optar por permanecer na Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP) de Espinho, mas sem médico de família atribuído por tempo indeterminado.

“Tal situação compromete a qualidade dos

cuidados de saúde primários prestados no município e impõe dificuldades acrescidas para os utentes afetados” – lê-se no comunicado enviado às redações.

PSD quer “resposta rápida e eficaz” da autarquia

A Comissão Política do PSD de Espinho questionou formalmente a Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Maria Manuel Cruz, sobre as ações que o Executivo tem desenvolvido ou planeia desenvolver para mitigar o impacto desta medida e recorda que que, de acordo com a legislação em vigor, “os municípios têm competências na gestão da saúde nos seus territórios, incluindo a formulação de estratégias para a melhoria do funcionamento do sistema de saúde local”.

“A Comissão Política do PSD de Espinho reitera a necessidade de uma resposta rápida e eficaz por parte da Câmara Municipal e defende um

maior diálogo entre as entidades envolvidas, no sentido de garantir soluções que não penalizem os utentes do concelho” - acrescenta.

Por sua vez, o PS de Espinho também manifestou a sua preocupação, através de um comunicado na rede social Facebook, destacando que esta medida provisória acarreta “sérios constrangimentos” para os cidadãos, sobretudo “os mais idosos e com mobilidade reduzida”.

Os socialistas defendem que o acesso aos cuidados de saúde de proximidade “é um direito fundamental e inegociável”, e que a deslocalização “penaliza a população de Espinho, fragiliza o princípio da equidade territorial e compromete a confiança num Serviço Nacional de Saúde próximo das pessoas”.

PS critica “inação” da Câmara

Embora o PS reconheça “o empenho do Conselho de Administração da ULS-GE” na resolução desta situação, a força política espera que a

colocação de um novo clínico “aconteça com a máxima brevidade”.

“O PS de Espinho exige da ULS-GE uma resposta urgente e eficaz. Não é aceitável que uma das primeiras decisões desta nova estrutura, criada com o propósito de melhorar os cuidados de saúde, resulte numa penalização direta da população espinhense. É necessário corrigir o erro, restabelecer a normalidade e garantir que os utentes de Espinho têm acesso aos cuidados de saúde [...]” – lê-se.

Contudo, a principal crítica do PS centra-se na “inação da Câmara Municipal de Espinho”, que, segundo o partido, tem a responsabilidade de “zelar pelos interesses da população”, assegurando que “a situação seja tratada com urgência” e que “a mobilidade e o apoio” sejam garantidos aos utentes que não têm condições de se deslocar até ao Centro de Saúde de Paramos.

Projeto “Vidro +” quer impulsionar a reciclagem de vidro na região

A Lipor, em parceria com os municípios associados, a Plataforma Vidro + e a Novo Verde, lançou, a 2 de abril, o projeto “Vidro +”, uma iniciativa destinada a aumentar a recolha seletiva de vidro de embalagem na região do Grande Porto. O projeto visa criar soluções inovadoras para melhorar a quantidade e qualidade do vidro reciclado, alinhando-se com as metas ambientais de sustentabilidade e economia circular.

Apesar da recolha seletiva de vidro em Portugal ter começado na década de 1980, a taxa de reciclagem ainda não atinge as metas estabelecidas. De acordo com a Lipor,

em 2023, 344.522 toneladas de vidro foram depositadas nos resíduos urbanos, das quais apenas 192.001 toneladas foram recolhidas seletivamente, representando 56%.

“É necessário mais foco na promoção da economia circular, o que implica a valorização do resíduo de vidro como matéria-prima para fabricação de novos produtos” – refere a Lipor em comunicado, acrescentando que este material pode ser “reciclado indefinidamente sem perder qualidade”.

Face a esse contexto, o projeto “Vidro +” aposta na aplicação da engenharia ao processo de reciclagem, com o Instituto Kaizen a

realizar diagnósticos e desenvolver soluções para melhorar a eficiência da recolha nos sistemas porta-a-porta (para habitações e comércio) e ecopontos.

Ana Cristina Carrola, vogal do Conselho Diretivo da Agência Portuguesa do Ambiente, destacou que este projeto “está alinhado com a estratégia nacional e representa o esforço de uma cadeia de valor em cumprir os seus objetivos e metas, contribuindo para que Portugal atinja as suas metas de reciclagem”.

PUB

Rua 20, nº 610 - Espinho | T. 913 151 088 | 20intensus@gmail.com

20intensus @o_intensus

PUB

Agora com novo visual

Rua 19 N.º 343
4500 - 256
Espinho

anasapatos.pt

PUB

OFICINA DO Zé Povinho
VELHARIAS E ANTIGUIDADES

COMPRA E VENDA DE RECHEIOS

RUA 62, Nº 114
4500-365 ESPINHO

T. 917 421 244 || 917 434 909
obaudovelho@gmail.com

PUB

Marianisses
DECORAÇÃO E ARTEFATOS

Rua 23, nº 380
Espinho

entrevista



“A tecnologia está aí, quer queiramos, quer não. Ignorá-la ou proibi-la é dar tiros nos pés”

Entrevista a Fernando Cunha, coordenador da equipa de Educação Digital do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, no âmbito do projeto “Aprender – Plataforma Digital de Apoio à Aprendizagem”

Rafael Oliveira

Na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, a Inteligência Artificial (IA) deixou de ser apenas um tema de conversa e passou a integrar, de forma prática e pedagógica, o quotidiano escolar. No âmbito do projeto “Aprender – Plataforma Digital de Apoio à Aprendizagem”, uma equipa multidisciplinar de professores – sob coordenação de Fernando Cunha – tem vindo a desenvolver um sistema inovador de estudo autónomo que combina a interatividade, o feedback orientador e o acompanhamento docente com o apoio das ferramentas digitais. Numa altura em que o debate sobre o papel da IA na Educação se debruça em torno dos riscos, das potencialidades e dos limites éticos da sua integração nas salas de aula, o Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira assume uma abordagem crítica e construtiva, apostando na Educação para o uso responsável desta tecnologia que veio para ficar. Em entrevista, Fernando Cunha explica como surgiu a iniciativa, os fundamentos pedagógicos e as ambições de uma plataforma que procura transformar a relação dos alunos com o estudo.

Como surgiu a ideia de implementar um projeto de estudo autónomo com recurso à Inteligência Artificial (IA) na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira?

A ideia surgiu da convergência de várias ideias, das quais é de destacar a implementação das “Oficinas de Estudo” coordenadas pela docente Manuela Alves. Este projeto pretendia permitir aos alunos, autonomamente, acederem a materiais, especialmente a perguntas, que lhes permitissem estudar e treinar de modo a melhorar o desempenho académico. No caso de terem dúvidas, recorreriam aos seus professores. Entretanto, concorreu o facto de me ter sido atribuída a oportunidade de coordenar a equipa de Educação Digital e, por inerência à equipa, o Plano de Ação de Desenvolvimento Digital (PADDE), o que despoletou o desafio de fazer evoluir e ampliar as “Oficinas de Estudo” para um modelo interativo, online, onde o feedback poderia ser imediato e conter um modelo de resposta pormenorizado e orientador. Conjugou-se, ainda, a experiência no uso de plataformas que permitem a construção de bases de dados de perguntas digitais interativas pelo que despontou, com o apoio da direção do Agrupamento, o desenvolvimento da plataforma “Aprender”. Para tal, a direção

do Agrupamento constituiu uma equipa com docentes de outras áreas disciplinares para, entre outras missões, desenvolver procedimentos e validar cientificamente e pedagogicamente os recursos de forma a proporcionar que mais disciplinas integrassem a plataforma digital.

Quais foram as principais motivações e necessidades identificadas para a criação desta iniciativa?

A principal motivação do projeto “Aprender – Plataforma Digital de Apoio à Aprendizagem”, tal como o nome indica, é fomentar melhores aprendizagens, apresentando-se apelativo, interativo e orientador para os alunos. Ao mesmo tempo, tornar-se um pretexto para trabalho colaborativo e partilhado entre docentes, constituindo-se como um auxiliar de ensino. A “transformação digital” não acontece como um fim em si mesmo, nem desprovida de propósitos que a justifiquem pelo que a constituição de um “artefacto comum” que desperte interesse em docentes e discentes poderá ser, também, um contributo para este desiderato, âmago do PADDE do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira.

Quais são os principais objetivos pedagógicos deste projeto?

Uma vez que na fase inicial do projeto “Aprender” se priorizam interações através de perguntas multimédia e interativas, organizadas por temas ou conteúdos, o principal objetivo pedagógico é aferir e orientar a proficiência do estudo desenvolvido pelos alunos. Ao terem um feedback, seja resposta a resposta, seja no cômputo geral, os alunos aprendem e evoluem durante este processo. Ao repetir o processo, as perguntas não são as mesmas, apesar de continuarem a ser sobre o mesmo assunto. Desta forma, os alunos podem comparar o seu desempenho em vários momentos. Usando uma linguagem de “eduquês”, implementa-se um modelo de “avaliação como aprendizagem” numa perspetiva ipsativa. Ou seja, avaliar ajuda a aprender fomentando-se metas sucessivas a serem superadas pelos próprios.

Como foi o cronograma para a implementação deste projeto?

O projeto começou a germinar no início de novembro, começando a concretizar-se, do ponto de vista do desenvolvimento tecnológico, a partir de dezembro. A disponibilização a todos os alunos está prevista para a primeira semana de abril, já com mais de 6.000 pergun-

tas validadas e com mais de 3.000 em fase de validação, distribuídas por várias disciplinas. Estes números representam um trabalho empenhado da equipa que se tem dedicado a este projeto, cujo envolvimento desencadeia muitas horas dedicadas voluntariamente fora do seu horário letivo, mas não deixam de ser exíguos para a ambição de se abranger todas as disciplinas e todos os anos. Para além da plataforma de base, foram ainda desenvolvidas uma aplicação de acesso integrada no ambiente “Teams” e uma aplicação para telemóvel disponibilizada através da Play Store da Google.

Como está estruturado este sistema de estudo autónomo?

A IA tem sido encarada com muita atenção por todos no Agrupamento Dr. Manuel Laranjeira - seja para apropriação e incorporação nas diversas dimensões funcionais, seja para reflexão sobre as suas implicações e respetiva educação do uso. Por consequência, foi com total naturalidade que se encarou a oportunidade de usufruir das suas capacidades. Por um lado, tem sido um excelente auxiliar no desenvolvimento da plataforma “Aprender”, não para elaborar as perguntas, mas para auxiliar nas tarefas de programação e conversão para o formato digital. Por outro lado, incorporou-se a IA no próprio funcionamento da plataforma. Os alunos têm acesso a um botão que lhes fornece informações complementares de orientação para a construção da resposta. Saliente-se que a IA nunca dá a resposta. Apenas pistas, lembretes, orientações vagas que permitam ao aluno desbloquear o raciocínio para construir a resposta. Para evitar uma dependência deste auxiliar, limitou-se o número de ajudas por intervalo de tempo e por processo de treino. Por exemplo, se um aluno tem 10 perguntas para responder, poderá usar três ou quatro vezes a ajuda da IA que, lembro, mesmo assim não lhe dá a resposta. Se esgotar essa ajuda nas primeiras questões, ficará sem ajuda nas seguintes.

Que tipo de acompanhamento os professores terão neste processo? A IA será usada como complemento ou substitui alguma vertente mais “tradicional” do ensino?

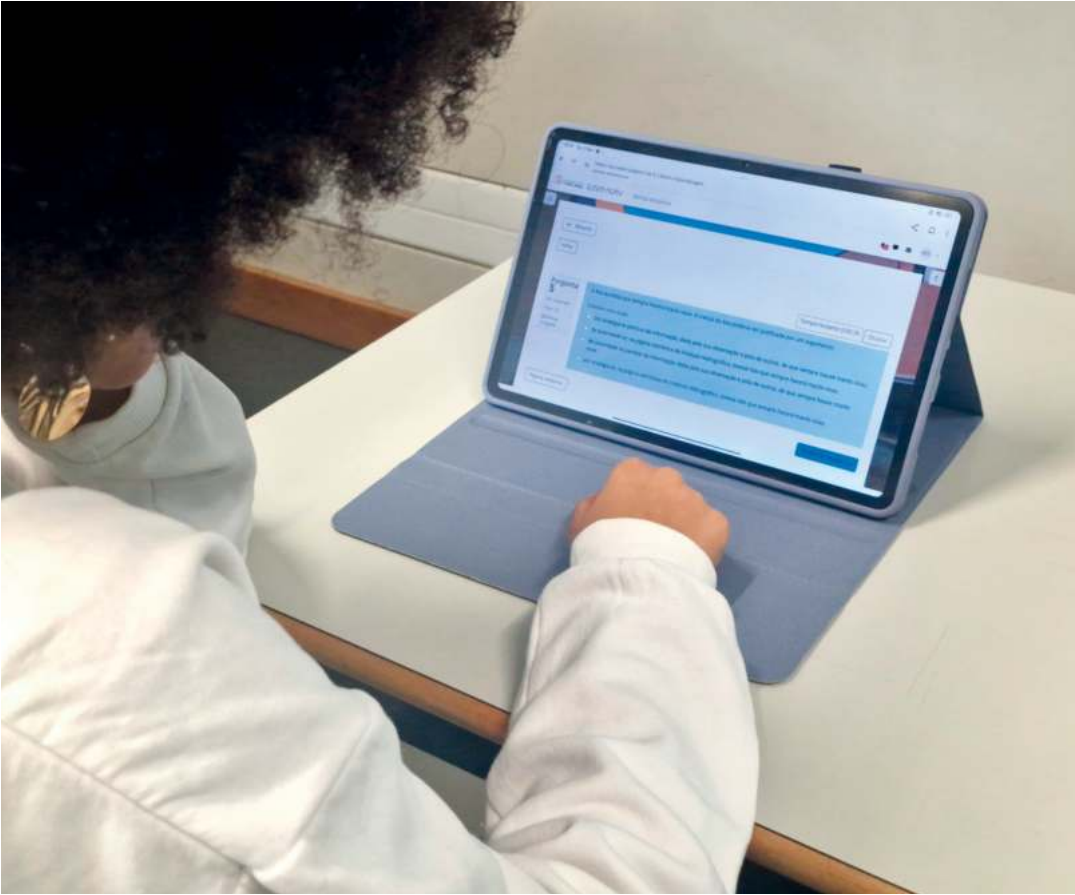
A IA não substitui o professor em qualquer vertente, porque a elaboração das perguntas, das respostas, do feedback e o enquadramento nos contextos pedagógicos depende dos professores. A plataforma disponibiliza automatismos para auxiliar na organização, na aleatorização e na correção de respostas. Disponibiliza, ainda, estatísticas e algumas análises de resultados. Durante a utilização da plataforma, a IA atua durante o processo de resposta do aluno a fim de ler a pergunta e, no caso de o aluno solicitar, conceber pequenas ajudas sem dar a resposta. Para todos os efeitos, os professores reveem os trabalhos dos alunos e no caso de considerarem pertinente, inserem o próprio feedback de orientação. Em momento algum a IA se sobrepõe ao professor.

Existem disciplinas ou áreas do conhecimento em que esta metodologia será aplicada de forma mais intensiva?

Neste momento, as áreas desenvolvidas foram as dos professores envolvidos, ou seja: Português, Matemática, Física e Química, História, Filosofia e Geografia. Estão em início de desenvolvimento Inglês e Educação Física.

Existe, portanto, flexibilidade na utilização desta plataforma...

A sua flexibilidade técnica permite a sua utilização para todas as disciplinas e em contextos diversos. Para clarificar, vale a pena fazer o exercício de encarar uma “pergunta” como uma solicitação ao aluno. Se o enunciado for “Como se chama o terceiro planeta do sistema solar a contar a partir do Sol?”, então trata-se de uma pergunta, mas se a solicitação for “Esquematiza um circuito elétrico com uma pilha,



uma lâmpada e um interruptor”, então tem a forma de uma solicitação. E se for, “lê o texto”? Ou, “executa o procedimento experimental”? Ao assumirmos esta forma mais abrangente, encarando as “perguntas” como “solicitações”, então temos a porta aberta para solicitarmos ações aos alunos como “ler”, “desenhar”, “fotografar” e “filmar”, para além de “escrever”, que é o modo mais tradicional de obter respostas a solicitações. Desta forma, a plataforma permite que o aluno elabore uma resposta num papel e a passe de forma automática para a área de resposta digital com um único clique num botão. A resposta pode ser texto, um cálculo, um desenho ou um esquema. Com este projeto, acautelamos a possibilidade de resposta através do “analógico”. Imagine-se, por exemplo, a solicitação de “ler o texto”. O aluno clica num botão, lê o texto e o áudio é gravado para posterior análise - quer do aluno, quer do professor - com o respetivo feedback orientador a explicar o que fazer para melhorar. Para além destes exemplos mais inovadores convém não esquecer as respostas digitais tradicionais e salientar uma grande diversidade de tipologias de questões, como a resposta múltipla, seleção, preenchimento de espaços, legendagem de mapas e figuras, resposta curta e resposta de desenvolvimento, cálculo com variáveis, palavras cruzadas, etc..

Que mudanças espera que esta iniciativa traga para a dinâmica de estudo dos alunos?

Espera-se que os alunos a utilizem com regularidade. Depois, que se consiga verificar que nos assuntos procurados pelos alunos haja uma progressão de desempenho. Com a continuação do uso, seria interessante constatar-se uma melhoria de resultados escolares, sejam internos ou externos. Não podemos esquecer que a aferição e a avaliação externas vão adotando o suporte digital e que, com o uso desta plataforma, também estamos a contribuir para uma familiarização de procedimentos.

Quais foram os principais desafios identificados para integrar a IA? Há receios quanto à dependência excessiva desta tecnologia?

A tecnologia está aí, quer queiramos, quer não. Ignorá-la ou proibi-la é dar tiros nos pés. O caminho assumido no Agrupamento é o de educar o seu uso. A tecnologia em si mesma não é boa nem má. O que fazemos com ela é que pode ser bom ou mau. Se a tecnologia, seja qual for, servir para evitar o esforço, disfarçar a não-aprendizagem e enganar(-se), então não deve ser incentivada. Mas se for usada para detetar erros, assinalar padrões, estruturar informação, agilizar processos, otimizando o tempo e reforçando a aprendizagem, então porque não?

O que pode ser definido como uma boa ou má utilização desta ferramenta?

A diferença entre o mau uso e o uso adequado das tecnologias assenta nos valores interiorizados pelos alunos e na interpretação que fazem da missão da escola como local de capacitação e da sua missão enquanto oportunidade de desenvolvimento. Porque é que usar a IA como ferramenta de batota é pior do que copiar de outra forma? Ou pagar a quem faça o trabalho dos alunos? A lógica de que a IA é pior, porque os professores não vão saber distinguir, é menorizar os professores, as suas capacidades e o seu papel. Os professores sabem...

Como será avaliado o impacto deste projeto no desempenho e na motivação dos alunos?

O número de utilizações e os resultados sucessivos dessas utilizações, ao nível dos desempenhos na plataforma e ao nível do que for possível aferir em termos académicos, são a primeira linha de avaliação do impacto. As perceções qualitativas dos alunos, dos encarregados de educação e dos professores quanto à utilidade e motivação geradas pela plataforma também serão importantes.

Existem planos ou intenções para expandir esta iniciativa nos próximos anos?

Este é o ano “zero” do projeto. Ou seja, é o momento em que se concretiza a ideia, se operacionaliza e se torna escrutinável. Um projeto desta natureza, multidimensional e tecnologicamente complexo, carece de algum tempo para evoluir e amadurecer até se poderem estabelecer relações e tirar conclusões. Apesar da necessidade de “dar tempo ao tempo” e de se dever manter um olhar atento e crítico para evitar esforços fúteis, existem expectativas que, no caso de se materializarem, impulsionarão novas etapas de desenvolvimento e de aprofundamentos pedagógicos e didáticos.

Sobre Fernando Cunha

Fernando Cunha é docente de Física e Química no Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira. Licenciado em Química – Ramo Educacional pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1995), iniciou, desde cedo, um percurso dedicado às tecnologias educativas. Concluiu uma pós-graduação em Comunicação Educacional e Gestão da Informação, com especialização em Gestão Multimédia (2002), e, no ano seguinte, o Mestrado em Educação Multimédia, ambos pela mesma faculdade. Em 2022, concluiu uma pós-graduação em Administração Escolar e Administração Educacional na Universidade Fernando Pessoa.

Formador de professores, acreditado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua desde 1997, tem dinamizado formação nas áreas da didática da Química, tecnologias educativas e administração escolar. Publicou diversos artigos e comunicações académicas, foi coautor de software educativo, incluído em manuais escolares e de utilização independente, tendo colaborado ainda com a Texto Editores na produção de manuais de TIC e Área de Projeto.

Ao longo da carreira, desempenhou diversos cargos de coordenação e gestão, como vice-presidente do conselho executivo, orientador de estágio, coordenador de departamento e coordenador de projetos. Atualmente, é coautor na conceção, desenvolvimento e dinamização da plataforma “Aprender – Plataforma Digital de Apoio à Aprendizagem”, desenvolvida no Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira com o objetivo de potenciar a aprendizagem dos alunos através do digital.



SANTA MARIA DA FEIRA AVANÇA COM PLANO DE OBRAS DE 22 MILHÕES DE EUROS

A Câmara Municipal de Santa Maria da Feira anunciou um plano de investimento superior a 22 milhões de euros para requalificar várias áreas do concelho, abrangendo espaços urbanos, património histórico e infraestruturas educativas. O projeto foi apresentado pelo Presidente Amadeu Albergaria, na reunião camarária de 24 de março, e prevê financiamento parcial por fundos comunitários.

Entre as intervenções destacam-se a requalificação do Largo do Eleito Local, em Escapães, dividida em três fases devido à falta de interesse das empresas em concretizar a totalidade da empreitada; a revitalização do Centro Cívico de Nogueira da Regedoura, com nova organização viária e espaços verdes; e a reestruturação da Praça S. Miguel e da Avenida Dr. Crispim Teixeira Borges Castro, em Milheirós de Poiares, para melhorar segurança e acessibilidade.

O projeto inclui ainda um investimento significativo na preservação do Castelo de Santa Maria da Feira, com a reorganização da envolvente e a criação de espaços multifuncionais, além da modernização da Escola EB Feira Centro, que terá novas infraestruturas para melhor acomodar a comunidade escolar. A autarquia considera estas obras fundamentais para o futuro do concelho, apostando na valorização do território, na segurança e na qualidade de vida dos feirenses. O executivo municipal reforça o compromisso em garantir a execução dos projetos e a captação dos apoios financeiros necessários para a sua concretização.

Escola Dr. Manuel Gomes de Almeida destaca-se nos Rankings Nacionais

A Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Gomes de Almeida conquistou uma posição de destaque nos mais recentes rankings escolares nacionais, afirmando-se como a escola pública com melhor desempenho no concelho de Espinho. De acordo com a análise publicada pelo jornal Público, a instituição registou uma subida de 38 lugares face ao ano anterior, posicionando-se, agora, no 89.º lugar a nível nacional.

Em contraste, a Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Laranjeira apresentou uma descida acentuada no mesmo ranking. Classificada em 271.º lugar na lista referente a 2024, a escola perdeu 169 posições relativamente ao ano anterior, revelando uma quebra significativa no seu desempenho. Os dados indicam que a média das provas nacionais na Gomes de Almeida foi de 12,22 valores, superando a média de 11,89 valores registada na Manuel Laranjeira.

No que respeita às proximidades, a liderança pertence à Escola Básica e Secundária Dr. Ferreira da Silva, em Oliveira de Azeméis, que alcançou o primeiro lugar no ranking nacional. Também a Escola Básica e Secundária de Arcozelo se evidenciou ao atingir o 12.º posto.

CrITÉRIOS diferentes entre o Público e o Expresso refletem-se nas classificações

As posições ocupadas pelas escolas do concelho variam consoante os critérios aplicados por diferentes publicações. No caso do ranking elaborado pelo Expresso, que inclui apenas estabelecimentos com, no mínimo, 80 exames realizados, a Escola Dr. Manuel Laranjeira figura na 105.ª posição, com 415 exames e uma média de 12,15 valores. Por sua vez, a Escola Dr. Manuel Gomes de Almeida surge no 125.º lugar, com um total de 498 exames e uma média de 11,96 valores.

Este ranking baseia-se exclusivamente nas classificações obtidas na primeira fase dos exames nacionais do ano letivo 2023/2024. São consideradas as provas dos alunos do 11.º ano, que realizaram exames tanto para concluir disciplinas como para candidatura ao Ensino Superior, e dos alunos do 12.º ano, cujos exames têm como único objetivo o acesso à universidade.

Já o jornal Público, em colaboração com a Católica Porto Business School, adota uma abordagem distinta, avaliando a capacidade de superação das escolas face ao seu contexto socioeconómico. Assim, são feitas comparações entre escolas com características semelhantes, agrupando instituições públicas e privadas separadamente, e tendo em conta fatores como as condições de ensino.

Este modelo permite identificar quais as escolas que mais superaram as expetativas, oferecendo uma visão sobre o impacto do ensino no rendimento académico dos alunos. Para além das médias dos exames, o estudo do Público inclui ainda informações sobre notas internas, taxas de retenção, desempenho por disciplina e evolução dos estudantes abrangidos por apoios sociais.

PUB

Nascente '25

Envolvente

Abril abre portas,
Maio ergue vozes

12 abril

9H30

Oficina de Páscoa
Cerâmica com pais e filhos
Sede Nascente

12 abril

15H00

Workshop de Cerâmica
Sede Nascente

24 abril

22H00

Grândola Noite
Música, Teatro e Poesia
Auditório Nascente

25 abril

21H00

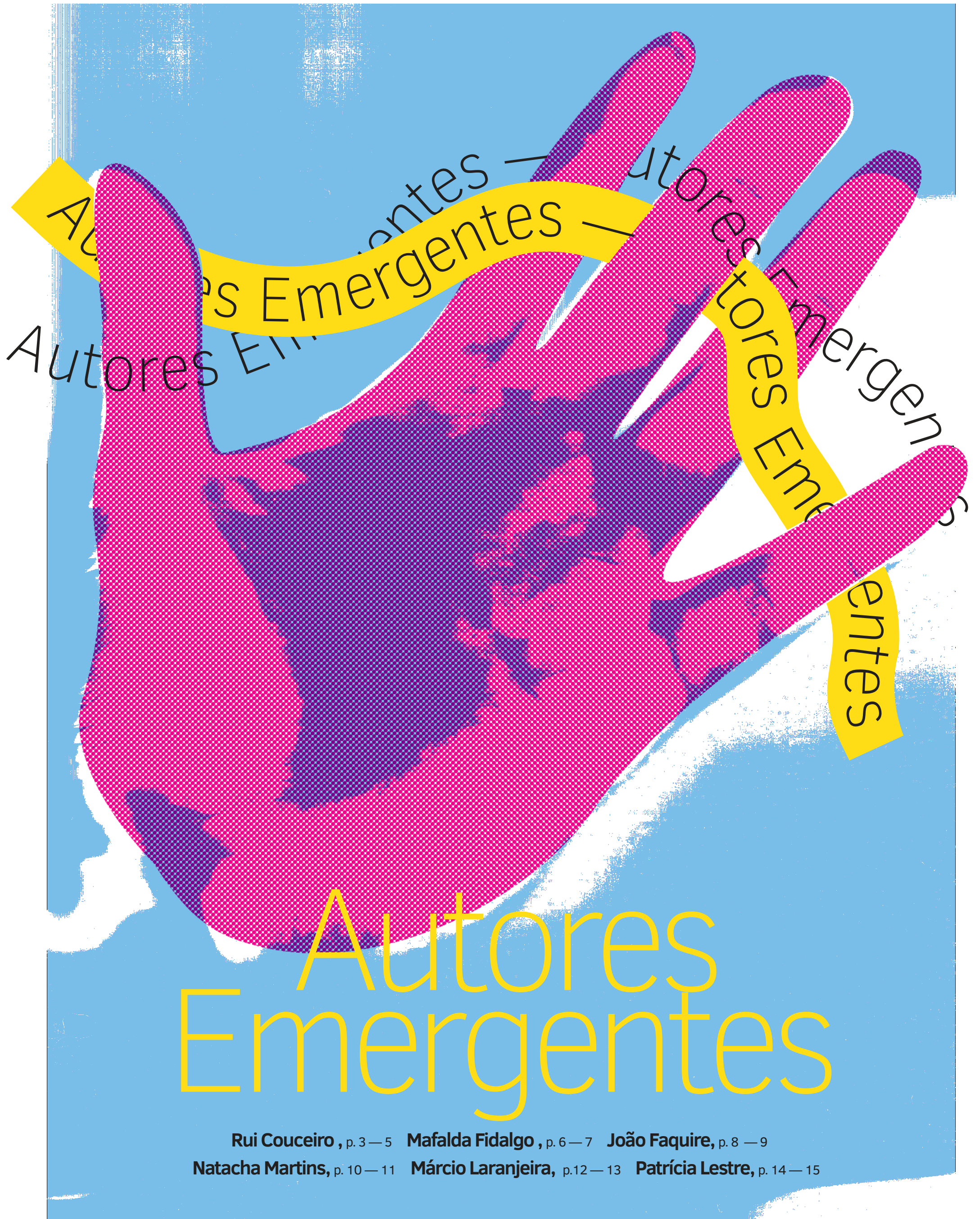
Cantares e Danças Populares Tradicionais
Centro Multimeios de Espinho

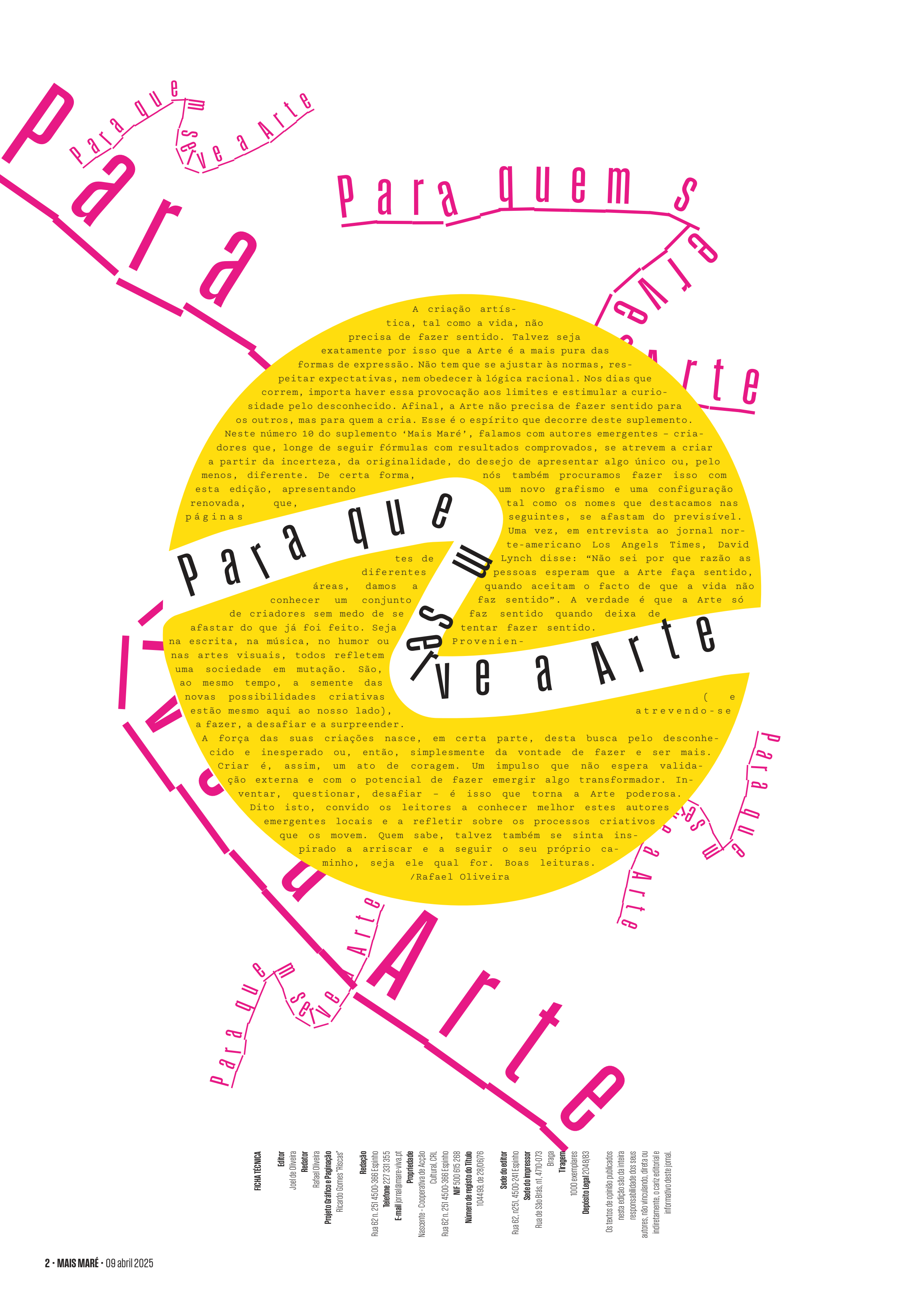


Nascente
Cooperativa de Apoio Cultural



T.P.E.
TEATRO
POPULAR
de ESPINHO





A criação artística, tal como a vida, não precisa de fazer sentido. Talvez seja exatamente por isso que a Arte é a mais pura das formas de expressão. Não tem que se ajustar às normas, respeitar expectativas, nem obedecer à lógica racional. Nos dias que correm, importa haver essa provocação aos limites e estimular a curiosidade pelo desconhecido. Afinal, a Arte não precisa de fazer sentido para os outros, mas para quem a cria. Esse é o espírito que decorre deste suplemento. Neste número 10 do suplemento ‘Mais Maré’, falamos com autores emergentes – criadores que, longe de seguir fórmulas com resultados comprovados, se atrevem a criar a partir da incerteza, da originalidade, do desejo de apresentar algo único ou, pelo menos, diferente. De certa forma, nós também procuramos fazer isso com esta edição, apresentando um novo grafismo e uma configuração renovada, que, tal como os nomes que destacamos nas páginas seguintes, se afastam do previsível. Uma vez, em entrevista ao jornal norte-americano Los Angeles Times, David Lynch disse: “Não sei por que razão as pessoas esperam que a Arte faça sentido, quando aceitam o facto de que a vida não faz sentido”. A verdade é que a Arte só faz sentido quando deixa de tentar fazer sentido.

Provenientes de diferentes áreas, damos a conhecer um conjunto de criadores sem medo de se afastar do que já foi feito. Seja na escrita, na música, no humor ou nas artes visuais, todos refletem uma sociedade em mutação. São, ao mesmo tempo, a semente das novas possibilidades criativas (e estão mesmo aqui ao nosso lado), a fazer, a desafiar e a surpreender. A força das suas criações nasce, em certa parte, desta busca pelo desconhecido e inesperado ou, então, simplesmente da vontade de fazer e ser mais. Criar é, assim, um ato de coragem. Um impulso que não espera validação externa e com o potencial de fazer emergir algo transformador. Inventar, questionar, desafiar – é isso que torna a Arte poderosa. Dito isto, convido os leitores a conhecer melhor estes autores emergentes locais e a refletir sobre os processos criativos que os movem. Quem sabe, talvez também se sinta inspirado a arriscar e a seguir o seu próprio caminho, seja ele qual for. Boas leituras.

/Rafael Oliveira

FICHA TÉCNICA

Editor
Joel de Oliveira
Redator
Rafael Oliveira
Projeto Gráfico e Paginação
Ricardo Gomes “Riscas”

Redação
Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 355
E-mail jornal@mare-viva.pt

Propriedade
Nascente - Cooperativa de Acção Cultural, CRL
Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho

NIF 500 615 268
Número de registo do Título
104499, de 28/06/76

Sede do editor
Rua 62, n.251 4500-241 Espinho

Sede do Impressor
Rua de São Brás, n.1, 4710-073 Braga

Tiragem
1000 exemplares

Depósito Legal 2048/83

Os textos de opinião publicados nesta edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, não vinculando, direta ou indiretamente, o cariz editorial e informativo deste jornal.



“Gosto muito de criar, imaginar e fantasiar.
A literatura é um espaço de absoluta liberdade”

@Neusa Ayres

APÓS UMA DÉCADA como assessor de comunicação e coordenador cultural da Porto Editora, tornou-se editor na Bertrand em 2016, onde passou a liderar a chancela Contraponto. Num passado mais recente reatou colaborações com a comunicação social, partilhando com a escritora Filipa Martins a autoria e apresentação do programa “A Biblioteca de”, na Rádio Renascença, e escrevendo para a revista Visão. É, desde 2021, membro do Conselho Cultural da Fundação Eça de Queiroz. Licenciado em Comunicação Social, mestre em Ciências da Comunicação e com uma pós-graduação em Estudos Culturais, abandonou uma tese de doutoramento para escrever o seu romance de estreia, «Baiôa sem data para morrer», publicado em 2022, que lhe valeu o Prémio Literário Manuel de Boaventura. O seu segundo romance, «Morro da Pena Ventosa», foi lançado no ano passado, mudando o espaço da narrativa do Alentejo para o Porto, consolidando desta forma o seu percurso na literatura portuguesa contemporânea. Com um olhar atento ao seu tempo e uma paixão incessante pela escrita, este autor segue na sua busca por compreender e traduzir o Mundo, criando um espaço onde a literatura se torna, em simultâneo, necessidade e prazer.

Rui Couceiro nasceu no Porto, em 1984, e orgulha-se de ter crescido de joelhos esfolados em Espinho. Foi campeão nacional de voleibol em todos os escalões de formação do Sporting Clube de Espinho e entende que o desporto foi a principal escola da sua vida. Durante a adolescência, decidiu que queria ser jornalista e, aos 15 anos, começou a trabalhar na Rádio Globo Azul, em Espinho. Mais tarde, estagiou na SIC e foi correspondente da Agência Lusa, mas, em 2006, entendeu que afinal não queria o jornalismo e redirecionou o seu caminho para outra paixão: os livros.

Embora tenha nascido no Porto, passou parte da infância e adolescência em Espinho, onde diz ter-se feito homem. De que forma a cidade e as experiências aqui vividas moldaram os valores que o acompanham hoje?

O que mais guardo na minha memória da cidade de Espinho é o Pavilhão Joaquim Moreira da Costa Júnior, que hoje já não existe e me provoca uma grande tristeza e mágoa. Foi nesse pavilhão que cresci e vivi toda a minha juventude. As duas primeiras décadas da minha vida ficaram marcadas pelo Sporting Clube de Espinho: pelo convívio, pelo ambiente vivido nesse pavilhão, onde centenas de pessoas praticavam voleibol, e pelas primeiras referências despor-

tivas e amizades que fiz. Foi também ali que aprendi muitos dos valores e ensinamentos que me são úteis na minha vida profissional e pessoal. O voleibol do SC Espinho foi, sem dúvida, a principal escola da minha vida. O percurso académico influenciou a forma como perceciona a comunicação e o mundo literário?

Naturalmente, o percurso académico teve influência naquilo que sou. O que sucede é que tracei esse percurso um pouco por conta das minhas características pessoais, do meu temperamento e da minha personalidade. Estudar Comunicação foi um passo muito natural, porque tinha características - e penso ter - que

se adaptavam a essa área. Mais tarde, entrei no mundo literário como profissional de Comunicação e foi assim que me aproximei deste universo, que sempre me seduziu muito e que gostava bastante.

Deu os primeiros passos no jornalismo aos 15 anos, na Rádio Globo Azul (RGA). Que aprendizagens retém dessa experiência?

Gostei muito da minha passagem pela RGA. Era um miúdo cheio de vontade e sonhos, que queria muito preparar o seu futuro. Aos 14 anos, decidi que queria ser jornalista e quis trilhar um caminho que me distinguisse da concorrência que sabia que encontraria. Nessa altura, foi quando se deu o princípio da crise do Jornalismo, e pensei: “Se, ao terminar o curso, já tiver experiência profissional, estarei em vantagem face aos meus colegas”. Eu era competitivo, estava habituado a ganhar no voleibol... Pode-se dizer que foi uma aprendizagem importante do desporto...

Exatamente. No jornalismo, pensei que, se treinasse mais do que os outros, acabaria por ter um rendimento superior. Sempre adorei rádio - era o meu meio de eleição - e ouvia todos os dias, sobretudo, a TSF. Então, por que não bater à porta de uma rádio local para tentar ter uma oportunidade? Foi o que fiz na RGA, e



acharam piada à minha ousadia. Disseram-me que poderia acompanhar o trabalho de alguns estagiários mais velhos e, assim, ir aprendendo. Quem me deu essa oportunidade foi o Ângelo Pedrosa, a pessoa mais importante desse meu percurso. Comecei no desporto a fazer algumas reportagens e entrevistas. Pouco tempo depois, já fazia uns trabalhos em estúdio e, mais tarde, passei para o futebol, onde acompanhava os jogos do SC Espinho como repórter de campo. Tive a oportunidade de ir ao estrangeiro cobrir os maiores sucessos europeus do SC Espinho, acompanhei e cobri eleições autárquicas.... Fiz um pouco de tudo, e isso foi fundamental para mim. Estou muito agradecido à RGA e, em particular,

ao Ângelo Pedrosa, por me ter dado a oportunidade que tanto queria. Curiosamente, no final dessa espécie de “estágio”, quem acabou por ficar fui eu, com apenas 15 anos. Em 2006, decidiu deixar o jornalismo para seguir a sua paixão pelos livros; um percurso que o levou da Porto Editora até a função de editor na Bertrand. O que motivou esta mudança de rumo? Na altura, tive a possibilidade de regressar à SIC, com perspetivas de vir a ser pivô da SIC Notícias. Recebi também uma proposta da Agência Lusa, que implicava mais responsabilidades do que as que tinha tido enquanto fora correspondente, e outra de um jornal nacional – esta última bastante fraca, o que me desmotivou muito. Foi aí que comecei a pensar que, provavelmente, o jornalismo não me proporcionaria uma boa vida. Foi

então que o meu pai encontrou um anúncio no jornal Expresso, para um cargo de assessor de imprensa na Porto Editora. Mostrou-me, mas recusei quase de imediato. Disse-lhe que era jornalista e não queria passar para o “outro lado”. O meu pai disse que eu não estava a pensar bem: a Porto Editora era das maiores empresas do país, podia ser uma boa oportunidade e, afinal, eu sempre gostara de livros... E como reagiu a essa argumentação? Respondi que não tinha interesse. O que é certo é que passados uns dias vi o mesmo anúncio na Internet e, como estava ali à mão, acabei por me candidatar. As condições eram muito boas – muito melhores às que o jornalismo oferecia na altura. Pensei que talvez fosse isso que precisava para ter uma vida mais estável e que, no fundo, continuaria a ser feliz, porque sempre gostei de livros. Além disso, era uma posição estimulante: a Porto Editora estava a iniciar-se na área da literatura e procurava um especialista em comunicação para desenvolver a estratégia de divulgação dessa nova área. Era um desafio novo e aliciante...

Sim, mas o processo de recrutamento foi muito longo. Naquela altura, os cursos de Jornalismo e Comunicação Social estavam no auge. Formavam centenas ou milhares de pessoas por ano e havia muita gente a querer entrar no Jornalismo, que não conseguia, ou a candidatar-se a qualquer oportunidade na área da Comunicação. Para aquela vaga, foram 800 candidatos. Com 22 anos, tive a felicidade de ser escolhido e foi o início de um percurso muito feliz na área dos livros e da literatura. Volvidos dez anos, passou a desempenhar funções de editor na Bertrand, que pertence ao grupo Porto Editora. Sim, a administração da Bertrand entendeu que eu tinha as características necessárias para ser editor, desafiou-me para isso e aceitei, porque sentia que as minhas competências se adequavam à função. Já tinha um grande conhecimento do trabalho de edição, pois

colaborava diretamente com editores, prestando-lhes auxílio em várias tarefas. Ou seja, as minhas funções já eram quase de editor. Foi uma evolução natural, sem grandes dificuldades. Tive a felicidade de me tornar editor no principal grupo editorial português, trabalhando numa casa com grande tradição, como é o caso da Bertrand Editora. Além disso, pude criar a minha própria editora, a Contraponto, que hoje é líder de mercado na publicação de autores portugueses de não-ficção. Sou um editor muito feliz e realizado por trabalhar com pessoas que colaboram comigo, assim como com os autores que me confiam as suas obras. Deixou de lado uma tese de doutoramento para escrever o seu livro de estreia, «Baião sem data para morrer», publicado em 2022. Trata-se de um romance bastante aclamado pela crítica, reconhecido com o Prémio Literário Manuel de Boaventura em 2023, e finalista do Prémio Pen Club Português. Volvidos quase três anos desde essa estreia, como olha para esse romance hoje? É um romance que gosto. Traz-me muitas alegrias todos os dias. No fundo, representou a concretização de um sonho. Ao longo da vida, tive vários sonhos e ambições, muitos dos quais ficaram pelo caminho: ser jornalista, jogador de voleibol, jogador de futebol, alpinista.... Tal como todos os miúdos, quis ser muitas coisas, mas tudo foi ficando pelo caminho, com a exceção de um sonho que sempre acalentei: o sonho de ser escritor. Perseguir esse sonho foi algo natural, mas tê-lo concretizado – ou seja, tornar-me um autor publicado – foi um momento de grande felicidade. É um livro que me traz sensações muito boas. No ano passado publicou o seu segundo romance. Numa entrevista a propósito deste livro, disse sentir que “o barro de tudo o que se molda com a escrita é, de facto, a observação”. Em que sentido é que a observação molda a sua escrita? A observação é, de facto, a base para o trabalho de um escritor de ficção. Há uma

PUB





prendas • decoração • eventos

Rua 33 n.º 918
4500-314 Espinho

Tel. 227 326 085
Tlm. 910 304 393

2tons@sapo.pt





Amore mio

Rua 4, nº 607 - Espinho || T. 919 209 509

Feliz Páscoa!

aso

Materials da Cerâmica e Sanitários

Loja 2 • Espinho
Avenida 24, 915
4500-201 ESPINHO
T: 227 323 073 • M: 912 217 683
E: espinho@alberto.com.pl





BARBEARIA
la Rua



RUA 21, N.º. 248 4500 ESPINHO T. 224 907 329

BARBEARIA LARUA

frase que gosto muito da Susan Sontag: “Um escritor é alguém que presta atenção ao Mundo”. É evidente que não basta prestar atenção ao Mundo; é preciso saber traduzi-lo. Mas acredito que, se for bem-sucedido, o ficcionista tem a capacidade de mostrar o seu tempo aos leitores de outros tempos. Ou seja, se a sua obra for competente, ela perdurará no tempo. O que procuro fazer enquanto ficcionista é tirar retratos do tempo que vivi e partilhar com os leitores algumas das visões, impressões, angústias e preocupações em relação ao tempo que me é dado a viver. A observação é fundamental para cumprir esse desígnio com competência.

As suas obras exploram a memória, o território, as marcas que o tempo deixa nas pessoas e nos lugares. Diria que a literatura tem o poder de preservar aquilo que, de outra forma, se poderia perder?

Não sei se a literatura pode ser vista como uma forma de preservar, mas ajuda a fazê-lo. Ou seja, não é esse o principal propósito da literatura, mas pode ser um dos seus objetivos. Daí dizer que me preocupo em mostrar o meu tempo. Antes de ser autor, sou leitor, e gosto muito de conhecer o Mundo através da literatura. Muitas vezes, a literatura permite ver e entender melhor certas realidades do que a observação concreta e direta. Portanto, se a literatura consegue isso, ela também pode contribuir para a preservação – como acontece com a memória e a identidade, sendo que a identidade é uma questão muito importante para mim.

Há alguma razão específica para isso?

Acredito que é mais fácil criar literatura de boa qualidade, e com alguma verdade, quando escrevemos a partir das nossas pulsões mais profundas, das nossas inquietações e angústias. É aquilo a que o [Mario] Vargas Llosa chama de “os demónios do escritor”. Procuro escrever a partir de questões que me inquietam, e uma delas é a identidade, assim como outros temas que estão presentes nos meus livros: a morte, a

“É mais fácil criar literatura de boa qualidade, e com alguma verdade, quando escrevemos a partir das nossas pulsões mais profundas”



perda, a amizade, o amor....

Os temas clássicos da literatura, portanto.

Sim e estão inevitavelmente presentes porque são os temas que mais mobilizam a minha atenção e o meu pensamento.

A escrita tem sido uma constante na sua vida: na comunicação, na edição e na literatura. Qual é a essência da escrita? É uma forma de compreensão do Mundo? Um ato de resistência? Ou uma necessidade quase inescapável?

Neste meu segundo livro, «Morro da Pena Ventosa», a história termina com a narradora a dizer que “fantasiar é uma necessidade inescapável”. Portanto, esse capítulo final do livro funciona quase como um ‘micro ensaio’ em relação ao entendimento que tenho da literatura. Como disse, acho que é uma forma de mostrar melhor as questões com as quais a Humanidade se defronta diariamente. Por outro lado, no meu caso, é também um Uni-

verso através do qual obtenho grande prazer e satisfação. Gosto muito de criar, imaginar e fantasiar. A literatura é um espaço de absoluta liberdade em que podemos fazer aquilo que queremos, ao contrário do que acontece na vida real.

Com a liberdade vem também a responsabilidade. Nesse sentido, qual é o papel que o escritor deve ter? Qual deve ser a função de um autor na sociedade atual?

Naquilo que faço, não há nenhuma vontade de fazer pedagogia. Não tenho interesse em moralizar. Não sou ninguém para ensinar aos outros o que devem ou não fazer, mas tenho todo o interesse em iluminar certos assuntos que me parecem importantes. Por isso, nos meus livros, para além dos tais temas clássicos, abordo temas contemporâneos: o isolamento dos mais velhos, o abandono em que se encontra o Interior, a centralização dos investimentos na capital e a evidente macrocefalia, o turismo de massas, a gentrificação, as alterações climáticas....

Escreveu que “fantasiar é uma realidade inescapável”. Pretende continuar a fantasiar através dos livros?

Tenho vários projetos em curso. Estou a trabalhar em três livros em simultâneo: um livro de não-ficção, um de contos, e um novo romance. Além disso, tenho outros projetos em curso, portanto, sim, continuarei a escrever e pretendo continuar a publicar. Escrevo por necessidade e por gosto, e porque acho que faz sentido. 🌐

PUB

Rua 14, nº 473 Espinho
T. 224 050 766

Rua 19, nº 189
Espinho
T. 912 668 213
@storeamsterdamespinho

Rua 2 Nº663, Espinho
Tel.:22 734 4294
facebook.com/golfinho.espinho/



CRIAR ‘FORA DA CAIXA’

Em 2023, Mafalda e dois colegas da faculdade conquistaram a Mostra Nacional de Jovens Criadores com o projeto ‘Intra’ - uma coleção que desenvolveram durante a pandemia, num período em que as restrições impediram a realização da habitual coleção final de curso. Determinados a não deixar esse trabalho inacabado, os três designers decidiram criar uma coleção própria, explorando os sentimentos de isolamento e a perda do conceito de comunidade. “Para nós, a licenciatura foi completamente diferente do que seria expectável na fase final de um curso de Design de Moda. Trata-se de uma área muito prática e, naquele momento, ninguém sabia bem o que iríamos fazer. Foi a única altura em que não existiu uma coleção final de curso. Ficámos preocupados com o nosso futuro sem essa experiência. Então, decidimos fazer a coleção na mesma”, conta. A coleção foi inicialmente apresentada no Bloom, do Portugal Fashion, mas a curta janela de tempo para a sua execução deixou este trio com a sensação de que o projeto poderia ser melhorado. A Mostra Nacional de Jovens Criadores surgiu, então, como uma “segunda oportunidade” para refinar a coleção e mostrá-la tal como a tinham idealizado. “Não estávamos com grandes expectativas, porque o nosso objetivo era apenas esse: apresentar a coleção como a concebemos originalmente.” Para surpresa dos três, a proposta foi premiada. “O ‘Intra’ foi muito importante para mim. Explorámos mais essa vertente artística e experimental. Conseguimos alcançar o que nos interessava: mostrar as nossas ambições, o que gostávamos de fazer no design têxtil, e trazer para a Moda um universo, que, de outra forma, não teríamos conseguido explorar” - explica. Todavia, o reconhecimento atribuído veio acompanhado de um sentimento agridoce. “Foi estranho ganhar”, recorda. “Tínhamos a ideia de que o nosso trabalho não era algo tão comercial ou que encaixasse facilmente na indústria da moda”. Embora aquela premiação tenha mostrado que havia espaço para um discurso alternativo dentro do setor, reforçou a percepção de que se trata de um espaço restrito. Sem intenção de criar uma marca ou tornar o ‘Intra’ num projeto comercial, os três designers preferiram encarar a coleção como se tratasse de um manifesto artístico.

A arte de criar de Mafalda Fidalgo desenha

Desde pequena que Mafalda Fidalgo sentia que o seu futuro passaria pelas Artes. Natural de Espinho, licenciou-se em Design de Moda pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, completou uma pós-graduação em Museologia, Coleccionismo e Curadoria e está a terminar o mestrado nesta área na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Aos 23 anos, venceu a categoria de Moda na Mostra Nacional de Jovens Criadores, com o projeto ‘Intra’, desenvolvido em

novos trilhos na moda e na curadoria

parceria com dois colegas da licenciatura. Além da moda, Mafalda também se dedica aos ‘pratos’ enquanto DJ, já foi tatuadora, bailarina, trabalhou em styling e tem participado em exposições coletivas - ora como artista, ora como curadora. Atualmente, o seu foco está em concluir os estudos, aprofundar a produção de eventos e, possivelmente, conjugar a vida de freelancer com um percurso na investigação académica.

@Tiago Lourenço

A LIGAÇÃO de Mafalda Fidalgo às Artes surgiu cedo, mas não através de um percurso tradicional. “A minha avó era costureira, mas no meu núcleo familiar ninguém sabia desenhar bem. Acho que era a única pessoa que sabia desenhar e isso destacava-me um pouco”, relembra a jovem designer. Apesar de ter crescido num meio onde a música predominava - o pai, dono de um bar e cantor, e o irmão, guitarrista profissional - foi no desenho que Mafalda pensou ter encontrado o seu caminho. Chegou a ponderar estudar Pintura nas Belas Artes, mas acabou por escolher o Design de Moda.

“Acho que foi um pouco como aquelas paixões de miúda: achamos que, por gostarmos de vestir, também gostamos de Design de Moda e que as coisas estão relacionadas... Quando entrei na licenciatura, percebi que não sabia nada de Design de Moda. De alguma forma, isso ainda foi mais motivador para mim” - conta.

DESENCANTO E LIMITAÇÕES

Se a paixão pela moda começou quando ainda era “miúda”, o contacto com a realidade do setor, através da licenciatura, levou Mafalda

a questionar o seu percurso. “Senti que o universo da moda envolve muito marketing e a parte comercial. Foi aí que o meu encanto começou a ser um pouco destruído”, admite. O sonho de criar peças sem a pressão do mercado parecia incompatível com a indústria tal como a conhecia. “A minha paixão era, sobretudo, pela vertente artística da moda, sem querer soar pretensiosa. Mas percebi que não poderia seguir apenas esse caminho”. A isso soma-se a sua perceção de que as oportunidades em Portugal “são limitadas”. “O núcleo de opções é reduzido”, acrescenta.

O acaso, a piada e João Faquire entraram num café... e nasceu um humorista



©I Am Humor

A **ESTREIA**, como reconhece, “não foi incrível”. Mas o ‘bichinho’ ficou. Outras oportunidades surgiram. Os espetáculos corriam bem. De repente, nem o céu parecia ser o limite. Bastou a ousadia e uma aparição menos feliz para transformar os sonhos numa desilusão, que o levaram, a pouco e pouco, a se afastar dos holofotes. Após um hiato, regressou à sua paixão e conquistou um lugar ao lado das referências da comédia nacional, como Fernando Rocha, Quim Roscas & Zeca Estacionário, e Hugo Sousa. Já atuou no ‘Pil00pé’, no Palco Comédia do Marés Vivas e, em 2023, venceu o concurso ‘Novos Talentos’, da *I Am Humor*. Hoje, João Faquire desdobra-se em espetáculos, *podcasts* e *sketches* de comédia nas redes sociais. Entre altos e baixos, a sua história na comédia parece ter retornado ao início: o céu, afinal, nunca foi o limite. Natural da vila de São João de Ver, do concelho de Santa Maria da Feira, a trajetória de João Faquire começou como “uma brincadeira”. Depois de reprovar a Matemática, precisava de completar o Ensino Secundário e, por isso, tinha aulas três vezes por semana numa escola na cidade da Feira, onde a sua irmã o levava antes de ir trabalhar. Para aproveitar o tempo de espera entre o fim das aulas e a chegada da sua boleia, João Faquire ia para um café estudar. O proprietário desse

Se não tivesse reprovado a Matemática, João Faquire talvez nunca se tivesse tornado humorista. Acontece que o tempo, os lugares e as pessoas alinharam-se na sua vida. Num café, uma piada solta valeu-lhe um convite inesperado para fazer *stand-up*.

estabelecimento era Joel Ricardo Santos, um humorista que estava a dar os primeiros passos. Com o tempo, os dois criaram uma amizade e, certo dia, surgiu o desafio. “Era domingo, estava lá na palhaçada com a malta e mandei uma piada qualquer. O Joel estava a passar, ouviu, e disse que apreciava o meu sentido de humor. Explicou que ia ter um espetáculo na sexta-feira seguinte, perto de minha casa, e convidou-me para escrever qualquer coisa para ter uns 10 minutos de palco” – relembra.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA...

O convite obrigou a uma reflexão e João Faquire respondeu-lhe que só iria se avaliasse o seu texto com antecedência. Se não estivesse suficientemente bom, nem iria querer subir a palco. “Escrevi uma coisa muito básica, mas no dia lá subi a palco. Confesso que não foi incrível. A comédia e o sexo são idênticos: a primeira vez nunca é incrível, mas

ficas com vontade de fazer mais. E assim foi...” – conta o jovem entre risos. Numa primeira fase, João Faquire acreditou que tinha jeito para a comédia. Recorda que começou cedo nestas andanças, com 18 ou 19 anos, e que, a certa altura, sentiu aquele “entusiasmo de miúdo”. “Por que haveria de esperar que fosse o Joel a convidar-me para ir aqui ou acolá?” – questionava-se. Decidiu, então, marcar um espetáculo num bar perto de casa e “foi uma aparição fácil”. O público era composto, sobretudo, por família e amigos. “Correu tudo de forma maravilhosa e, quando saí desse espetáculo, estava completamente convencido.... Pensei: ‘Preparem-se porque agora só me param no Altice Arena, é que nem o céu é o limite’ [risos]”.

... E O ESPETÁCULO “HORRÍVEL”

Mas, antes de perceber se o céu era ou não o limite, veio a desilusão. Pouco tempo depois daquela “aparição fácil”, marcou outro espetáculo – e a experiência revelou-se “traumática”. Passou de atuar num ambiente acolhedor para um bar em que as pessoas... não estavam propriamente ali para o ouvir. “Foi muito mau. Foi horrível. Pouco depois de ter começado o espetáculo, ouvi alguém a dizer: ‘Está calado e liga é a música’. Terminei a primeira parte, fui ter com o dono e disse-lhe que não tinha que me pagar nada. Ia arrumar as minhas coisas e ia embora, porque não estava a ser fixe para nenhuma das partes. O senhor insistiu para que ficasse, e eu tive que ligar ao Joel, que



©Pedro Rosas

Além dos espetáculos de stand-up, João Faquire produz sketches humorísticos e participa em dois podcasts

estava num casamento, para me vir salvar. Veio ele e o Zé Pedro para tentar compor o resto do espetáculo” - conta. Após esse incidente, João ainda fez outros espetáculos, mas a motivação já não era a mesma. Nos bares onde atuava e os proprietários queriam que repetisse a dose, tinha de recusar. “Não se escreve uma hora de espetáculo em um mês” - explicava o jovem, que ainda hoje concilia a comédia com a sua profissão no setor da cortiça. Além disso, sabia que, naqueles tempos, “não tinha qualidade nem arcaboijo” para se apresentar em bares onde iam outros humoristas seus conhecidos. Estava num limbo, confessa: “Por um lado, não tinha pessoal ao meu nível para garantir um mercado, mas também não tinha a qualidade e a maturidade para entrar num mercado que estava acima de mim”.

PAUSAR PARA VOLTAR

Durante cerca de dois anos, o jovem malapeiro decidiu colocar a comédia em pausa. O seu regresso deu-se apenas em 2018, quando, segundo João, houve um “mini ‘boom’ na comédia”, principalmente na região Norte. “Foi aí que percebi que, mesmo que não conseguisse fazer disto a minha vida, eu precisava do humor na minha vida. Caso contrário, ia enlouquecer” - afirma. Eis que o seu “grande amigo” Mário Moreira começou, então, a organizar noites de comédia regulares em S. João da Madeira e Cesar. O seu nome foi sugerido por Joel Ricardo Santos, pois sabia que ainda que João Faquire estivesse parado há dois anos, a experiência de palco continuava lá. “Sempre que o Mário e os colegas iam a algum sítio atuar, convidavam-me a fechar o espetáculo. Na época, era como se eu fosse o Cristiano Ronaldo do campeonato distrital da comédia a Norte [risos]” - conta João Faquire ao reconhecer a importância desses momentos para lhe darem a “moral” necessária para continuar.

OLHAR AOS PORMENORES

Desde então, João sente que tem progredido, ainda que não seja ao ritmo que desejaria. Conhece bem os ‘ossos do ofício’ e entende que, além do à-vontade necessário em palco, o humorista deve estar munido de um “espírito crítico apurado” e observar o Mundo de um ângulo específico, “muito próprio”, como descreve: “É um ângulo que deve ser crítico, sim, mas que não se leva, nem leva as coisas



a sério. Ou seja, quando olho para algo com o meu espírito crítico, não quero moldar a forma de pensar das pessoas. Simplesmente quero dizer: ‘Olha este pormenor tão engraçado que está aqui, mas que mais ninguém está a ver’. Se isso levar a que as pessoas mudem o seu pensamento, acho que é uma consequência, pode até ser um bónus em certas ocasiões, mas nunca é a finalidade”. Para que esse olhar se transforme em algo engraçado, é preciso escrever, ensaiar e apurar as ideias através do clássico método de “tentativa e erro”. É que na comédia, e sobretudo no *stand-up*, só se sabe que a piada vai funcionar quando é apresentada ao vivo, perante o público. “Há algo que já aconteceu com todos os comediantes: surge uma ideia, escreve-se, leva-se a palco, e não funciona. Volta-se para casa para reescrever, leva-se a palco, e não funciona. Revê-se a atuação para perceber onde está o erro: na entoação da palavra, na construção frásica, na dicção, na ausência de um silêncio... É um artesanato que me dá muito gosto” - confessa.

STAND-UP, SKETCHES E PODCASTS

Por isso, sempre que João testa “material novo” faz

questão de se gravar para depois rever o que pode ser melhorado, assumindo a perspetiva do espectador. Por outras palavras: João Faquire tem de saber fazer rir João Faquire. As ideias do humorista podem, contudo, encaixar-se noutros formatos. É aí que se dá a sua multidisciplinaridade na comédia: além de *stand-up*, João também produz *sketches* e participa em dois *podcasts*. O ‘Feira dos Três’, explica, é um *podcast* de teor humorístico, do qual é co-autor com Joel Ricardo Santos e Dylan, em que convidados como Vasco Palmeirim, Nuno Markl ou Mário Daniel já foram desafiados a conversar sobre temas pouco convencionais. Por sua vez, o ‘Bromance’ é um *podcast* “mais íntimo” e “específico”.

“A comédia e o sexo são idênticos: a primeira vez nunca é incrível, mas ficas com vontade de fazer mais”

No fundo, é um espaço que João Faquire encontrou para falar com os seus amigos sobre relações de amizade e brindar os seus seguidores com um conteúdo diferente. “Hoje em dia, quem quer viver da comédia tem de criar conteúdos. É isso que lhe dá relevância. Se pudesse ser só comediante de *stand-up*, era o que seria. Mas não dá para ser assim. Precisas das redes sociais e fazer outras coisas. Se queremos que o nosso nome venda bilhetes, as pessoas têm de o conhecer, e só o vão conhecer se te encontrarem na Internet” - realça.

A CONCRETIZAÇÃO DO SONHO

Com esta vontade insaciável de fazer cada vez mais e melhor, João Faquire diz ter atingido um dos seus pontos altos quando foi convidado pelo humorista Hugo Sousa a abrir a primeira *tour*: “Ele viu-me a atuar num bar e convidou-me. É o mesmo que um miúdo estar a jogar à bola à porta de sua casa, o Cristiano Ronaldo aparece e perguntar se quer ir treinar com ele”. Antes de surgir essa proposta, João Faquire e a sua namorada tinham ido assistir a um espetáculo a solo de Hugo Sousa. No final, recorda, havia uma “fila enorme” de fãs à espera para tirar uma fotografia com o humorista. A sua companheira disse-lhe que não se importava de esperar, uma vez que sabia a admiração que João nutria pelo artista. Mas ele não quis esperar: “Disse-lhe que não e que o dia em que tirasse uma foto com ele, seria no camarim, porque teria atuado com ele”. Além de atuar, João Faquire tornou-se amigo do seu ídolo (e não se arrepende). “São estes pequenos pormenores, como essa *tour* com o Hugo Sousa, que me fizeram perceber que quero muito que isto vá ainda mais longe. Mas, se ficasse por ali, teria uma história bonita para contar a um jornal de Espinho [risos]” - conclui. Perspetivando o seu futuro, o jovem comediante afirma que continuará a desenvolver os dois *podcasts*, está a preparar novos conteúdos para o Youtube e ambiciona lançar o seu próprio espetáculo ao vivo, com várias datas. Além disso, tenciona organizar uma noite semanal de comédia sob a sua curadoria. Espera que, um dia, esta correria lhe permita deixar o setor corticeiro e tornar a comédia a sua principal fonte de sustento. Nesse momento, talvez João Faquire tenha finalmente tocado no limite do céu, mas sem nunca tirar os pés do chão. 🌈

NO ENSINO SECUNDÁRIO, foi incentivada a seguir Ciências e Tecnologias, mas desobedeceu e seguiu a sua intuição. A decisão provou-se acertada quando alcançou a nota máxima no exame nacional de Desenho, um feito que validou o rumo que escolheu. Mais tarde, já depois de ter concluído a licenciatura e nos primeiros anos como artista emergente em Leipzig, encontrou um pequeno caderno do infantário onde, sem rodeios, a Natacha de “três ou quatro anos” escreveu “pintora” como resposta à pergunta sobre o que queria ser quando crescesse. Hoje, aquela convicção de infância reflete-se num percurso sólido no meio artístico, onde se destaca pela singularidade e significância do seu trabalho. Com “pelo menos uma exposição por ano” e a conquista do Primeiro Prémio XVII D. Fernando II, atribuído pelo Museu Municipal de Sintra, em 2021, Natacha sente que a sua arte é admirada por aqueles que admira e reconhecida pelas novas gerações que, agora, a incluem entre as suas referências no

Natacha Martins nunca sentiu que a pintura tivesse sido uma escolha tardia ou um caminho inesperado. Pelo contrário: a ligação à arte sempre a acompanhou, ainda que, em determinado momento, lhe tenham sugerido um desvio.

universo das Belas Artes. Tendo raízes familiares em Espinho, como trilhou o seu percurso académico e artístico até chegar a Leipzig? Após a licenciatura em Artes Plásticas, no ramo de Pintura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, sabia que queria mudar de meio. Na arte, o sítio em que o artista está inserido - tanto a comunidade artística como os espaços expositivos, desde os mais alternativos aos museus institucionais - ali-menta e dialoga com as suas referências. Estão em relação direta com a própria obra. Acontece que, aos 18 anos, fiz uma viagem de pela Europa e percebi que a Alemanha, tinha - e tem - um dos maiores centros culturais na Europa. O que a levou a mudar-se para lá? Houve duas razões principais. A primeira foi por saber que Leipzig era substancialmente mais acessível e mais pequena que Berlim, o que me permitiria criar raízes mais profundas e sólidas com a cultura alemã. A segunda razão foi a descoberta da tradição figurativa da Faculdade de Belas Artes de Leipzig (Hochschule für Grafik und Buchkunst), que



As explorações de Natacha Martins no gesto, na distorção e na busca pela sensação humana

é talvez a maior da Alemanha. Foi nesta zona onde floresceram correntes filosóficas e artísticas como o romantismo e o expressionismo alemão. Como é ser uma artista portuguesa a trabalhar num meio artístico internacional, como o de Leipzig? Sinceramente, é mais libertador do que em Portugal. Por ser uma das maiores potências económicas da Europa, a Alemanha tem maior disponibilidade e mais oportunidades para criar estruturas de apoio e de incentivo a artistas de qualquer teor. Isso sente-se na recetividade das pessoas, que têm uma maior educação para a importância da Arte numa sociedade, enquanto fator de sensibilidade e de

produção de conhecimento. Estando a viver e a trabalhar na Alemanha, sentes que as tuas raízes e vivências em Portugal influenciam o teu trabalho? Sim, sem dúvida. Revejo no meu trabalho e nas minhas preocupações a forma como penso o Mundo, porque é isso que é a linguagem: uma forma de nos situarmos no Mundo através de nomeações e através de imagens. Reconheço a minha herança visualmente barroca de Portugal, pois o país tem, tal como Espanha, um passado, uma arquitetura e uma Arte profundamente católicas. Predominam os elementos exagerados, contrastes marcantes, a grande expressividade e uma tendência para o trabalho rebuscado

ou de estimulante acuidade visual. Exemplos disso são as igrejas forradas de azulejos, a folha de ouro, madeira, os rostos das pessoas, a forma como as cidades estão planeadas e voltadas para o mar, a música, as matérias interiores de uma Cultura, que é aquela que tem uma poesia muito particular e distinta, e que se dá pelo o nome de portuguesa. A sua pintura procura explorar o “irracional” e o “comportamento delirante da condição humana”. O que a fascina nesse lado mais visceral da existência humana? No mundo atual, que se encontra em diversas e profundas crises, o “irracional” e o “comportamento delirante da condição humana” - ou, por outras palavras, as emoções e as

forças do interior humano - são absolutamente necessárias para nos relembrarmos do que nos distingue enquanto seres humanos, sobretudo, face ao emergir incontrolável da Inteligência Artificial. O que me fascina nestas dimensões da sensação, como o delírio e o irracional - esse tal lado mais visceral -, é a forma imediata e comunicante como que entra no sistema nervoso, na carne. As imagens que procuro criar devem ser dotadas desta qualidade e lógica da sensação, pois devem diferir das imagens que já existem e que são produzidas a cada instante, através do telemóvel ou outros dispositivos fotográficos. Citando Deleuze, que trabalhou este assunto através da obra de Francis Bacon: “A sensação é o contrário do fácil e do já pronto, do cliché, mas também do ‘sensacional’, do espontâneo, etc.”. Ou seja, uma pintura ou uma obra de arte devem trazer algo novo, que ainda não foi explorado... Deve diferir de todas as outras imagens do Mundo pela sua génese e intenção de acrescentar algo que não está lá. Pela vontade de “tornar visível o invisível”, citando Paul Klee. Interessa-me fazer isso pela potência de significação, que as sensações do irracional ou do delirante transportam. Estas sensações que passam, primeiro, pelo corpo - como uma perturbação, repulsa, surpresa ou instante que desintegra a realidade cognoscível - são experiências que

questionam a condição humana. E, por isso, tornam-se em objetos que transportam aquilo a que chamamos de “humanidade”. O seu trabalho também navega entre o “gesto puro” e a “distorção figurativa”. Como se dá essa combinação?

A minha constante preocupação é evitar que as minhas imagens não sejam ilustrativas e narrativas. Isso tem duas implicações ou, melhor dizendo, dois caminhos possíveis para a construção de uma figura: um é pela abstração, que significa considerar a operação intelectual do ato de pintar, descartando a necessidade representativa – ou seja, não desenhar ou pintar um nariz, uma boca, um braço, um rosto ou um edifício tal como os vejo, mas transitar para outro campo além da descrição do real. O outro caminho é pela lógica das sensações, que atravessa e modela as figuras que procuro apresentar. É sobre esta última metodologia que trabalho. O gesto e a distorção figurativa são modos de dar a sentir e de dar a ver ao espectador, pela sua intuição, o que está implícito nas formas, aquilo que as anima, aquilo que lhes dá vitalidade.

Como descreverias o seu processo criativo?

Um pintor ou pintora séria não trabalha com ideias. Não é refém da chegada de uma sugestão ou de um capricho de inspiração. É alguém que vai à procura de materializar em imagens e experiências visuais as suas preocupações e interesses. O meu processo criativo passa por esse entendimento. Tenho, por exemplo, um arquivo com

mais de 20.000 imagens no meu perfil de “Guardados” no Instagram, pois procuro, entre elas, a qualidade de evocar sensações ou emoções. Costumo desenhar e pintar com livros abertos de outros artistas e tenho sempre um espelho na minha zona de trabalho. O meu trabalho conflui nesses três elementos: a imagem física (do livro), a imagem digital, e o reflexo do espelho. Nas suas criações, existe a intenção de abordar a ligação entre o sagrado e o profano. O que a atrai nessa dualidade?



“A pintura deve diferir de todas as outras imagens pela sua génese e intenção de acrescentar algo que não está lá”

Ainda quando estava na faculdade, no final do ciclo da licenciatura, percebi que a abrangência do meu trabalho operava entre esses dois conceitos: o sagrado e o profano. É uma condição inexorável do Ser Humano e que se modela consoante os trajetos da Humanidade no tempo. Se na Idade Medieval o sagrado e o profano eram definidos pela doutrina eclesiástica, em meados do século XIX, com a afirmação da Revolução Industrial na Europa Central, o sagrado transmutou-se para a esfera simbólica do capital, assente nos alicerces

do sistema económico do capitalismo – um sistema que, como vemos hoje, está novamente a ruir diante dos nossos olhos. Os conceitos do sagrado e do profano são intrínsecos à natureza humana e, por isso, prismas essenciais para perceber a nossa natureza. Diria que o papel da pintura no mundo contemporâneo tem a mesma força expressiva que teve em séculos passados?

Não tem a mesma força expressiva, é evidente que não. Mas ainda bem, pois a pintura não tem as mesmas intenções das

ser, na sua essência arcaica, pigmentos sobre uma superfície. A sua força enquanto forma artística reside nesta simplicidade que, apesar de tudo, é muito exigente, pois as possibilidades e o conhecimento que se extrai a partir dela são quase ilimitados. Que artistas ou referências a influenciaram em particular?

O meu mundo de referências abrange uma vasta gama de períodos. Sou influenciada por pinturas rupestres, esculturas pré-históricas, arte do Antigo Egípcio, frescos de Pompeia, bem como pela pintura modernista e pós-modernista, onde destaco os nomes Soutine e Bacon. Na contemporaneidade, para onde olho atentamente, sigo o trabalho de Miriam Cahn, Issy Wood, Victor Man, Anna Uddenberg, Lenz Geerk, e George Rouy. Tenho também muitas referências em outras áreas, que alimentam o meu universo criativo, como na música, com a obra de Wagner, Ligeti e Gellért Szabó; na escrita, com Herberto Helder; e na dança contemporânea com Alain Platel.

O que podemos esperar de Natacha Martins no futuro?

De momento, estou a iniciar o processo para realizar um doutoramento na Hochschule für Grafik und Buchkunst, em Leipzig. Além disso, em junho deste ano, apresentarei o catálogo da exposição do grupo “Se Eu Quiser Falar Com Deus”, da qual estou muito satisfeita. Essa exposição em conjunto reúne os artistas António Gonçalves, Diogo Nogueira, Joana Araújo e Sofia Vermelho, e estará patente no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães. 🌹

PUB

hómero mendes
SUCESSOR LIMITADA

Boa Páscoa!

Rua 62 N.º234 Espinho
Tel. 227341262
Tlm. 918795923
E-mail: comercial.hm@sapo.pt





LAVÉLIA
Lavandaria a Seco

50
anos

Rua 19, N.º 356-370
Espinho
Tel: 227 341 266
geral@lavelia.pt
www.lavelia.pt



**COPÉLIA**
SNACK FOOD DRINKS

Rua 23, N.º 808 - Espinho
T. 912 406 983





**CASA MEIRELES**
Desde 1954

Cozinha Tradicional Portuguesa
Av. 8, N.º. 672, Espinho
Tel. 227 311 140
casameirelesespinho@gmail.com
 /casameirelesespinho



No guião da sua vida, Márcio Laranjeira fez do Cinema a sua segunda casa

O SEU TRABALHO tem assentado numa constante exploração dos conflitos geracionais e interrelacionais ou, se preferirmos, nas histórias de pessoas que se contam a partir do próprio quotidiano. Com um percurso académico entre Portugal e Argentina, desenvolveu uma abordagem cinematográfica singular, onde os protagonistas são autores e atores das suas próprias narrativas emocionais. O seu mais recente trabalho, a minissérie «Casa-Abrigo», é o exemplo disso: acompanha a jornada de reconstrução de mulheres vítimas de violência doméstica e, em breve, estreará na RTP. Evidenciando capacidade de abordar histórias complexas, o Cinema de Márcio Laranjeira reflete uma certa inquietação face à crua realidade. Desafia o espectador a olhar o Mundo de perto. Com humanidade. Com conforto e desconforto. Como quem encontra no Cinema uma segunda casa.

O PRIMEIRO ENCONTRO

Criado em Esmojães, na freguesia de Anta, Márcio Laranjeira cresceu num ambiente modesto, no seio de uma família de operários fabris. Entre “40 e tal primos”, foi o único a concluir o 12.º ano. A mãe criou-o sozinha. Trabalhava numa fábrica pelo ordenado mínimo e limpava casas para que Márcio pudesse estudar. “Eu sou pobre”, confessa, sem rodeios. A infância foi marcada pelos poucos espaços culturais disponíveis naquela época. Todas as semanas, enquanto a mãe tratava de afazeres na cidade de Espinho, Márcio ficava no Cinema até ela voltar para o buscar. Com o tempo, aquele lugar tornou-se o seu “segundo mundo” ou, como diz, “uma espécie de segunda casa”. Era ali que a imaginação se fundia com a realidade e a grande tela ia desvendando-lhe um universo que o acompanharia ao longo da vida. Na sua família a ideia de ingressar na universidade era um conceito “muito longínquo”. Ele próprio não se visualizava nesse caminho. Mas, a certa altura, percebeu



que poderia ser uma possibilidade e a decisão recaiu em Cinema - o único lugar onde sentia que podia “construir alguma coisa válida”.

AGORA HÁ “MAIS MUNDO”

A jornada académica levou-o do Porto a Lisboa e, mais tarde, até à Argentina. A universidade foi como a porta de entrada para um Mundo, até então, desconhecido. “Com essa experiência, descobri que havia mais Mundo. Conheci mais pessoas, com visões díspares, e encontrei um ambiente diferente da nossa pequena cidade de Espinho. Acho que arrisquei nestes mundos porque os descobri no Cinema. Descobri que existiam pessoas, e isso também nos permite existir”, explica. Começou os estudos na Escola

Superior Artística do Porto (ESAP), mas acabou por se mudar para Lisboa, onde ingressou na Escola Superior de Teatro e Cinema, em busca das oportunidades que o Norte não lhe podia dar: “Não existem estruturas no Norte que deem trabalho a quem segue o percurso técnico do Cinema. Percebi que teria de ir para Lisboa e criar esse *networking* lá, se quisesse continuar”.

BUENOS AIRES E A CULTURA

Após essa fase, o realizador espinhense expandiu os seus horizontes e foi estudar documentário cinematográfico na Universidade del Cine, em Buenos Aires. A experiência na capital argentina permitiu-lhe aprofundar conhecimentos teóricos e técnicos, e mergulhar numa nova Cultura, que o surpreendeu pela intensidade

intelectual e histórica. “Na Argentina, no caso específico de Buenos Aires, as pessoas são muito cultas. Há livrarias abertas 24 horas... Têm imensa cultura, de facto”, diz. Por lá, relembra, encontrou um universo onde teoria e prática se entrelaçavam de forma diferente do que se fazia por cá: “Enquanto em Portugal estávamos a apostar muito na tecnologia, com laboratórios e computadores nas escolas, na Argentina apostavam no pensamento”. Esse *modus operandi* aproximou-o da teoria e da análise de uma forma “muito viva”, o que influenciou a forma como encara os seus projetos artísticos. Além disso, estudar numa cidade onde “todas as universidades tinham grandes painéis com fotografias dos alunos desaparecidos no período da ditadura” fortaleceu a sua consciência histórica e social. O Mundo, como diz, foi tornando-se “maior e mais pequeno ao mesmo tempo”. “Na altura em que estive lá, a polícia não podia entrar nas universidades para que isso não voltasse a acontecer. Atualmente, com o novo Governo não sei como está a situação...”, acrescenta Márcio.

POR ENTRE A FICÇÃO E O DOCUMENTÁRIO

Presenciar essas memórias visuais de um passado repressor terá contribuído para a construção das suas narrativas, onde o olhar humano e a sensibilidade são protagonistas. Mas, recuando até a Espinho, Márcio Laranjeira também fez Teatro por cá, tendo iniciado a sua jornada num grupo amador enquanto ator - uma ligação com o palco que convive com a sua paixão pelo Cinema. A conjugação dessas experiências permitiu explorar diferentes linguagens artísticas, transitando entre o documentário, a ficção, e conceber aquilo que define como a “novela documental”. “A parte da ‘novela’ vem da novela escrita, da ideia da própria literatura e não tanto da novela da televisão. A ‘novela documental’ era algo que queria escrever, como se estivesse a criar literatura ou a ‘adaptar’ literatura a partir da vida das pessoas. É como quando adaptamos um livro ao Cinema. E torna-se ‘documental’ porque conta a história dessas pessoas, usando a cinematografia da ficção e do conto”, explica. Mas é, sobretudo, na exploração dos conflitos geracionais e interrelacionais que o seu cinema encontra um fio condutor, tornando-se uma constante. Dando espaço aos protagonistas para se tornarem atores das suas próprias histórias emocionais, Márcio Laranjeira constrói narrativas que oscilam

entre a realidade e a ficção, entre o íntimo e o coletivo. “Não sei exatamente o que me levou a fazer isso, mas o que me leva a continuar a fazê-lo é sentir que existe uma espécie de fosso que, de alguma forma, quero unir. É como se quisesse dar as mãos a uma geração e à outra. Unir um pensamento ao outro. Acho que esses encontros são possíveis no Cinema. Acho que temos o poder de contar as nossas estórias. É possível mostrar esse fosso e, ao mesmo tempo, aproximá-lo” - reflete. Esclarece também que o facto de “escrever o guião para os atores” não significa impor a sua narrativa ou uma história fechada. “Sinto que há espaço para eles incorporarem aquelas personagens de uma forma que, quando vejo, a história é mais deles do que minha”, diz. Do seu currículo cinematográfico constam o documentário «Fuera de cuadro» (2010), a curta-metragem «La ilusión te queda» (2011), «Uma Rapariga da Sua Idade» (2015), e «Colmeal» (2019).

A SÉRIE QUE DÁ VOZ ÀS VÍTIMAS

Assim, entende-se que o Cinema, para Márcio, é também uma forma de dialogar com o Mundo. Uma ferramenta para abordar temas sensíveis e complexos. Esse compromisso evidencia-se ainda mais com o seu último projeto: a minissérie «Casa-Abrigo», concebida num contexto de isolamento e confinamento durante a pandemia de Covid-19. “O facto de estar confinado a um espaço aproximou-me dessa ideia de estar numa casa-abrigo” - explica, referindo-se aos espaços que acolhem mulheres vítimas de violência doméstica e os seus filhos menores. “Sempre quis falar sobre isso. Pessoalmente, senti que era importante. Quis contar a história de outras pessoas, mas também a minha. Sei que é uma história que ultrapassa a minha e, infelizmente, é transversal a muita gente. Acho que é isso que também faz com que não seja um filme. Na série cada pessoa tem a sua história, que toca em certos temas. Ou seja, em

vez de ser sobre alguém numa determinada circunstância, é mais sobre diferentes pessoas na mesma circunstância”. Concebida para retratar as histórias de mulheres vítimas de violência doméstica, «Casa-Abrigo» foca-se na reconstrução da identidade e na jornada de superação das vítimas. O cineasta espinhense explica que se desafiou a abordar essa temática a partir de dois princípios: “Primeiro, não seria do ponto de vista do agressor. Quis que fosse sobre as vítimas. O segundo princípio foi contar uma história sobre violência sem mostrar violência gráfica, sem recorrer a *flashbacks* e sem violentar as personagens. É sobre a reconstrução identitária. Muitas vezes, as pessoas veem a violência doméstica como um acontecimento que termina ali. Mas, na verdade, há todo um caminho que começa a partir dali”. O processo de investigação e escrita partiu de histórias pessoais que Márcio conhecia e quis aprofundar: “Aquilo que acontece - e é surreal o trabalho que existe quase de ‘exclusão’ da narrativa - é que há um arquivo de violência inacreditável, que continua a ser demasiado vivido” - relata.

“Há um arquivo de violência [doméstica] inacreditável e que continua a ser demasiado vivido”

“Como disse, vivi o Cinema como um segundo mundo. Não era algo que partilhasse com a minha família. Acho que soube, um dia, que queria fazer o meu Cinema numa pequena série de televisão porque a minha família não vai ao Cinema. Muita gente de Esmojães não vai ao Cinema. Mas toda a gente tem uma televisão. Queria que houvesse esse encontro entre a televisão e o Cinema e, sobretudo, um encontro geracional entre quem está a falar e quem ouve para que possam ver, reconhecer e identificar outras histórias à sua volta ”. A minissérie teve uma estreia no Teatro São Jorge, em Lisboa, e deverá estreiar ainda este ano na RTP.

O PODER DA SETÍMA ARTE

Se é verdade que o Cinema pode ser um meio de transformação social, Márcio vê em cada filme e projeto oportunidades para construir pontes entre realidades diversas: “O Cinema toca-me em várias vertentes. Se é algo que posso fazer e se se adequar ao que quero contar, então sim, pode ter esse papel social. Já fiz trabalhos que talvez não sigam tanto esse caminho, mas, por exemplo, nesta minissérie, há uma enorme responsabilidade. Tem de existir um enorme cuidado com o que está a ser contado, porque pode afetar socialmente quem está a ver”. Apesar das dificuldades, Márcio Laranjeira sempre manteve a convicção de que o esforço e a dedicação seriam os únicos caminhos possíveis para alcançar os seus objetivos. Cresceu numa realidade difícil, criado sozinho pela mãe que hoje vive num bairro social, depois de ter saído de Esmojães. O esforço é, por isso, uma lição que traz de casa: “Tal como a minha mãe, que sem meios nenhuns e com apenas a quarta classe conseguiu criar um filho e ajudá-lo a estudar para ir para a universidade, talvez eu também tenha que trabalhar mais”. Com o passar dos anos, Márcio conseguiu encontrar no Cinema a sua forma de vida, mas nem sempre foi como realizador. Já desempenhou as funções de anotador, assistente de realização e técnico. “Ser apenas autor é um caminho muito difícil e complicado. Mas não chega queixar-me. Tenho de fazer mais. Por exemplo, nunca tinha escrito uma minissérie, por isso não podia cair na arrogância de achar que saberia fazê-lo à primeira. Tive de trabalhar mais para escrever bem, para fazer o projeto como queria, e para que ele



seguisse o seu caminho” - refere Márcio, acrescentando que «Casa-Abrigo» foi o primeiro projeto em que conseguiu apoio financeiro para se dedicar em exclusivo à escrita e realização e, mesmo assim, confessa que “foi complicado”. Para sustentar a sua carreira, concilia outros papéis, incluindo o ensino. Atualmente, dá aulas e oficinas de interpretação para Cinema, Televisão e Teatro, tanto em Lisboa como na zona Norte.

NOVOS PROJETOS A CAMINHO

Olhando para o futuro, o cineasta não dá sinais de querer abrandar e está já a trabalhar em novos projetos. Atualmente, escreve uma peça de teatro e está a desenvolver uma longa-metragem. “Tenho também um livro de microcontos para ser, entretanto, reanalisado para ser publicado”, revela. Desde uma pequena localidade no concelho de Espinho até à grande tela, Márcio Laranjeira tem trilhado o seu caminho com imagens e silêncios; um percurso de histórias por contar e mundos por revelar. Entre a realidade e a ficção, construiu um Cinema que observa, questiona, escuta e, quem sabe, transforma. Afinal, contar histórias nunca foi um ofício. É a sua forma de existir e de se relacionar com o Mundo. 🌍

PUB



CABELEIREIROS



Rua 16, nº 975 (esquina Rua 31) - Espinho
Tel.: 917 109 307



mianjos
frutaria - mini mercado



Feliz Páscoa!

Rua 29, nº 800 - Espinho T. 227314020 Tlm. 912 626 712



MILENNA



Rua 23, nº 238 - Espinho T. 22 732 3000

Livraria **abc** Papelaria

Rua 19, nº 182
4500 - Espinho
Tel. 22 734 00 99

A música para Patrícia Lestre “é uma escola infinita”

DO ENCANTO pelo violino ainda em criança às experiências enriquecedoras em Paris, a violinista e compositora tem trilhado um percurso marcado pela experimentação e pelo poder transformador da arte. O projeto "Pisco", que une sonoridades e bem-estar, é apenas um dos muitos desafios que a movem e que continua a alimentar a sua busca por novas formas de comunicar através da música. Entre palcos, composições e encontros que moldaram a sua visão musical, Patrícia Lestre continua a explorar novas formas de expressão, guiada pela curiosidade e pelo desejo de partilhar e descobrir o “mistério da música”.

A sua ligação à música começou cedo, e aos 14 anos a aprendizagem tornou-se oficial. Como recorda essa fase inicial e o que a levou a escolher o violino?

A música era mais um domingo em minha casa. O meu pai passava horas no botão ‘pausa/play’ de um velho rádio a cassetes para perceber os acordes das músicas, e o meu irmão mais velho tocava tudo de ouvido. Aquilo era fascinante para mim. A imagem do violino existiu muito antes de eu sequer imaginar ter um. Conta a minha mãe que eu assistia imóvel a um concerto de violino com orquestra. Alguma coisa me deve ter petrificado à frente da televisão. Mais tarde, como prenda de Natal, ainda muito antes de ter começado, recebi um violino de brincar de plástico roxo. Quando fiz 14 anos, depois de um dia de escola, em cima da minha cama estava uma caixa com um violino verdadeiro. Tenho essa imagem bem clara na minha mente. Foi como um bilhete dourado para começar a estudar música.

Passou pela Acorde, em S. João da Madeira, e pela Escola Profissional de Música de Espinho. Que impacto tiveram estas instituições no seu percurso?

Sim, a Acorde foi a minha primeira escola. As escolas que estão abertas a todas as idades, a muitas ideias e diferentes níveis, têm tudo para serem boas fontes de inspiração. A professora Galina permitiu que o meu instinto louco de querer seguir música, inspirado por poucas palavras do meu pai, se tornasse uma realidade. Tive um ano de aulas com ela e passei nos exames de admissão para a Escola Profissional de Espinho. Estudei imenso, mas creio que, face ao nível dos alunos que concorriam, o entusiasmo valeu mais de metade da minha entrada. Estive quatro anos com o professor

Pedro Rocha, tive a sorte de poder tocar em orquestra, os meus amigos eram todos músicos... O impossível começou a perder grande parte do seu sentido. Acredito que esta tática inconsciente do entusiasmo e o desmoronamento do impossível foram as razões para ter imaginado Paris no horizonte.

Em 2011, decidiu mudar-se para França. O que motivou essa mudança e de que forma essa passagem influenciou a sua visão sobre a música e a própria prática artística?

É uma belíssima pergunta. Muitos violinistas saíam de Espinho e iam para fora. A maior parte tinha Londres como destino. O meu instinto gritava por Paris e foi um abanão em muitos aspetos. Os encontros são mágicos, muita gente de muitos sítios, com muitas histórias e filosofias... Um grupo de amigos percussionistas do Senegal e o guitarrista Nicolas

Patrícia Lestre descobriu cedo que a música era o seu caminho. Depois de dar os primeiros passos na Acorde, em S. João da Madeira, aprofundou a sua formação na Escola Profissional de Música de Espinho, onde consolidou a técnica e desenvolveu a sua identidade artística.

@Maria Valente - Tinta de Limão



“Muitos violinistas saíam de Espinho e iam para fora (...) O meu instinto gritava por Paris”

“A música ao vivo e os projetos pedagógicos são as minhas redes sociais preferidas”

poemas, improvisações, meditações... Estes embriões foram essenciais para o meu crescimento e saúde mental. Sinto que essa é a real razão para os partilhar. É uma pequena experiência do poder da música e da Arte enquanto medicamento tão acessível e saudável.

Como imagina a evolução deste espetáculo?

O “Pisco” está pensado para, pelo menos, três partes... Por agora, prefiro manter o mistério para não sentir pressão de o fazer e para perceber o tempo que cada etapa merece ter. Mas posso acrescentar que, agrupadas aos concertos, estão programadas sessões pedagógicas, uma partilha dessa linguagem sonora e emocional que é independente da experiência musical que cada um traz. Encontramo-nos todos como músicos em palco no dia do concerto.

Nesse palco que pisa explora vários instrumentos: ukulele, guitarra, voz, violino. Essa versatilidade é uma necessidade artística ou resulta de um desejo de explorar diferentes formas de expressão musical?

As duas coisas. Sinto que é uma necessidade artística explorar diferentes sonoridades e formas de expressão e tendo a acreditar que cada instrumento que tento perceber me dá mais uma pista para melhor entender o mistério da música.

Tem colaborado com vários grupos e músicos ao longo da sua carreira. Há algum encontro ou experiência em particular que a tenha marcado ou definido a sua forma de pensar a música?

Transformar a música a par-

tir da simplicidade é o mote da minha forma de pensar a música. Isso deve-se a conversas e encontros com o grupo de senegaleses, em Montrueil [França]. Um puro acaso leva-me a conhecer o Salam. No primeiro encontro com esse grupo, a música começou a dois - o Salam e eu, um djembe e um ukulele. Estávamos num estúdio subterrâneo. Algum tempo passou até que levantei a cabeça e já estávamos muitos naquela cave. Eu era a única com um instrumento de cordas. Muitos tocavam percussão, outros ouviam, toda a gente se entendia. Era muito novinha, isto aconteceu no meu segundo ano em Paris. [O estúdio] estava repleto de gente. Lembro-me de ver a escadaria ainda com mais pessoas a tentar espreitar. Não sei quanto tempo aquilo durou, mas tenho algumas recordações que hoje sei que me transformaram profundamente... A chegada da dança a esse encontro, no pequeno metro quadrado que encontrou, elevou aquela energia de uma forma explosiva. Logo depois, à minha direita, uma voz grave e intensa começa a declamar em uólofe. Eu não percebia, mas senti que tinha de cantar, imitando o que ele dizia... Lembro-me da alegria na cara deles, mas não me lembro de sentir os pés no chão. Isto durou algum tempo. O fim foi como cair das alturas. Ainda hoje não entendo como é que

toda a gente percebeu que aquele momento ia acabar ali. O silêncio foi interrompido por uma imensa felicidade. Eu tremia.

A música tradicional parece assumir um peso preponderante no seu percurso. Que importância tem para si esse património



musical e como o relaciona com a contemporaneidade?

A música tradicional é popular. A música tradicional começou com tantos que nem “estudos” de música tinham. É uma necessidade para muitos. É uma forma de expressão muito eficaz e universal. Ouvir por exemplo a Catarina Chitas e perceber que aquela voz, aquele som, vêm dela e do que a rodeia... Aquela

técnica vocal é, no mínimo, chocante. A necessidade de se expressar continua até aos dias de hoje. A música pode ter muitos estilos diferentes, mas antes de ser um estilo, já é música... O leque do tradicional é imenso. Vou aprender durante toda a minha vida e não será suficiente para aprender tudo. É uma escola infinita.

Há projetos ou caminhos musicais que gostaria de explorar no futuro?

Tenho muita vontade de continuar a experienciar e adoraria começar a documentar o impacto da música na vida das pessoas. Não duvido que vou continuar a ter encontros que impactarão a minha.

Para quem quiser conhecer melhor o trabalho de Patrícia Lestre, onde podem ouvir a sua música e acompanhar os seus próximos projetos?

Estou longe das redes sociais, com a exceção do Youtube (canal “P I S C O”). Tenho um Linktree que se encontra nessa página e nos códigos QR que

MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO
3 a 31 de maio de 2025

Safira

MEMÓRIAS DE UMA REVOLUÇÃO

MÁRIO MARNOTO
FOTOGRAFIA

JAN NORMING
TEXTO



Nascente
Cooperativa de Ação Cultural



“GINECEU” VENCE PRÉMIO LITERÁRIO JOÃO DA SILVA CORREIA COM OLHAR SOBRE O UNIVERSO FEMININO

A obra “Gineceu”, de Clara Andrade, foi distinguida com o Prémio Literário João da Silva Correia 2024, iniciativa promovida pela Câmara Municipal de S. João da Madeira. A informação foi avançada pela Biblioteca Municipal do concelho, na semana passada. O livro, centrado na temática do universo feminino, destaca-se pela reflexão poética em torno da identidade, da memória e da experiência das mulheres ao longo do tempo. A autora, natural de Aguiar da Beira, no distrito da Guarda, vive no Algarve desde 1988 e tem desenvolvido um percurso ligado à promoção da leitura e à escrita literária. Atualmente, é responsável pela Biblioteca Municipal de Lagoa. “Gineceu” apresenta-se como uma construção lírica marcada por referências simbólicas e históricas, evocando, de forma contida e direta, o papel das mulheres na cultura, na família e na sociedade. A edição deste ano do prémio registou um número recorde de participações, com 215 obras submetidas, provenientes não só de vários pontos de Portugal, mas também de países como Brasil, Angola, Moçambique, França, Argentina, Estados Unidos, Itália e Alemanha. Pela primeira vez, a entrega dos trabalhos foi feita exclusivamente em formato digital. A atribuição do prémio garante a publicação da obra vencedora, com apoio da autarquia, estando previsto o lançamento oficial do livro em sessão pública, com data ainda a anunciar.

Gaia quer medir tráfego rodoviário e pedonal para melhorar mobilidade urbana

A Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia propôs, na segunda-feira, o lançamento de um concurso público destinado à contratação de serviços de medição do tráfego rodoviário e pedonal. O objetivo é recolher dados que permitam planejar de forma mais eficaz a mobilidade no concelho. Com um valor base de 84 mil euros, o concurso visa obter informação detalhada sobre fluxos

de circulação, padrões de utilização e impacto ambiental em pontos estratégicos da cidade. Segundo o município, os dados recolhidos permitirão avaliar o desempenho das vias, antecipar os efeitos de alterações no trânsito e acompanhar metas ambientais e de mobilidade sustentável. O aumento dos constrangimentos de tráfego, identificado pelo Instituto da Mobilidade e dos Transportes, levou a autarquia a considerar “relevante” esta recolha de dados, que incluirá contagens direcionais, medições de velocidade, inquéritos origem-destino e simulações de cenários de circulação. O Presidente da Câmara, Eduardo Vitor Rodrigues, sublinha que a iniciativa pretende garantir “decisões informadas” em matéria de mobilidade e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos munícipes.

Concurso para construção do centro de saúde de Grijó deverá ser relançado

A Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia vai anular o concurso público para a conceção e construção do novo centro de saúde de Grijó, lançado em dezembro de 2024. A proposta para a exclusão da única candidatura foi lançada na reunião do Executivo da passada segunda-feira. O concurso, publicado em Diário da República a 30 de dezembro, previa um investimento de dois milhões de euros (acrescidos de IVA) e um prazo de execução de 415 dias. A única proposta recebida foi apresentada pela empresa Arouconstroi, com um valor de 2,5 milhões de euros. Segundo a proposta da autarquia, a candidatura deverá ser excluída, ficando a empresa com um prazo de 10 dias para se pronunciar. Caso a decisão de anulação avance, o processo será reiniciado, com a abertura de um novo procedimento concursal.

PUB



Boa Páscoa
BELINTIMA
Rua 23, nº 236 - Espinho T. 969 076 072

PUB



TATTOO PIERCING
RUA 33 N340
ESPINHO 917 366 503

PUB



O Padrinho
Restaurante . Churrascaria
Av. 24, nº 697 - Espinho
T. 227 340 665

PUB



tecnicópia
papelaria & centro de cópias
Rua 32, nº 611
4500-307 - Espinho
Telef. 227 320 058
clientetecnicopia@gmail.com

PUB



BrincaLândia
Rua 19, N.º 254 - Espinho

PUB



Caribe Tours
224 025 858
Reserve as suas férias ao melhor preço!
Rua 20, nº292 Espinho

PUB



padariasguetim
Rua 14, N.º 800 - Espinho
T. 224 912 240 / 929 248 217
padariasguetim@gmail.com

PUB



Misterdog
A SUA LOJA DE ANIMAIS
Rua 26 nº 969 4500-285 ESPINHO
T 227 313 761 Tlm 934 598 828

na primeira pessoa

GLÓRIA ROCHA: VIVER COM O SENTIDO DOS OUTROS

Natural de Argoncilhe, Glória Rocha é um dos rostos mais conhecidos do trabalho social desenvolvido em Espinho. O seu percurso profissional começou pelo Ensino, mas pouco depois percebeu que queria mais. Foi assistente social em vários Centros de Saúde da Região, como Esmoriz, Santa Maria de Lamas, e Espinho. Fez parte do embrião que conduziria ao nascimento da Cerci-Lamas, da CerciEspinho, e da Universidade Sénior de Espinho, que preside há mais de duas décadas. Para além disso, participou no nascimento do primeiro Centro de Tratamento de Alcoólicos, também em Espinho.

Joel de Oliveira

Aos 84 anos, Glória Rocha é uma figura incontornável na comunidade de Espinho, onde tem dedicado a sua vida ao serviço dos outros. Natural da freguesia de Argoncilhe, em Santa Maria da Feira, a sua ligação ao território espinhense começou na infância. “A minha ligação a Espinho começa muito cedo: os meus pais alugavam uma casa durante um mês, em frente à praia, e vínhamos para cá em família, todos os anos. Para além disso, também visitávamos a cidade ao fim de semana, para passear” – recorda. Oriunda de uma família de classe média, com a mãe dedicada ao lar e o pai negociante de gado, Glória partilha uma curiosidade sobre o seu nascimento. “Sou gêmea. Nasci primeiro, e por isso sou a mais nova das duas. No entanto, a minha irmã nasceu com um problema, então correram connosco para a igreja, para nos batizar. A minha madrinha disse que eu tinha nascido no dia anterior, e que a minha irmã tinha nascido apenas no dia seguinte. Então ficamos registadas em dias diferentes” – confidencia. Deu início ao seu percurso profissional como professora primária, após concluir o curso em Aveiro. Foi colocada em Mãosores, Arouca, numa escola com condições precárias. “Fui colocada numa aldeola, numa escola a cair aos pedaços, em

Mãosores (Arouca), com primeira e quarta classe. Ficava no alto de um montinho, e não tinha as mínimas condições: não tinha wc, as carteiras estavam a desfazer-se” – lembra. Com apenas 19 anos, foi surpreendida com um convite inesperado: “Ainda antes de completar 20 anos, fui abordada por uma comissão da Junta de Freguesia, propondo-me que fosse presidente da Junta. Disse que não, que não podia ser... Tinha apenas 19 anos. Não podia estar a presidir a Junta de Freguesia de Mãosores”. Durante esse período, adotou métodos pedagógicos inovadores para a época, recusando o uso de castigos físicos. “Não batia aos alunos: era o meu primeiro ano, e a pedagogia que me havia sido lecionada não mencionava esse uso da régua ou de coisa alguma. Quando os miúdos estavam barulhentos, cruzava os braços, sentava-me na secretária, e tudo acalmava” – assegura. Contudo, a pressão social era evidente: “Tinha pais que vinham à escola e me diziam que tinha de bater nos miúdos, que aliás era o que o professor anterior fazia. Estavam habituados àquilo. Foi um choque para mim”, diz.

Os primeiros passos na área Social

Determinada a alargar os seus horizontes e impactar a sociedade de forma mais abrangente, Glória inscreveu-se no Instituto Superior de Serviço Social, no Porto. Durante o curso, estagiou em áreas desafiantes. “Fiz estágio nas piores zonas da cidade: no Centro Social do Barredo, que tinha um grupo de alcoólicos; tinha professores muitíssimos bons, com ligações à Sé e ao Bispo do Porto. Estagiei no Hospital de Santo António, no Maria Pia, no Conde Ferreira, no São Francisco, e até no bairro do Cerco, à noite”, conta. A sua presença não passava despercebida e, a pouco e pouco, começava a ser uma cara conhecida. “Mal entrava na Ribeira, as vendedoras e as prostitutas diziam, muito alto: ‘lá vem a menina do Centro’. Isto funcionava também como grito de alerta quase, e ninguém se metia comigo”, aponta. O trabalho com alcoólicos revelou-se especialmente significativo. “Marcou-me de forma particular um alcoólico, que levei de táxi até ao Conde Ferreira. Mais tarde, no desenrolar do meu trabalho, foi fundado o primeiro Centro de Tratamento de Alcoólicos precisamente no Centro de Saúde de Espinho, que foi o primeiro a nível nacional a apresentar este tipo de valência. Fiz parte da equipa fundadora”, orgulha-se.



“Um dia disseram-me que eu tinha o sentido dos outros. Foi o melhor elogio que já recebi”



Esta resposta pioneira trouxe-lhe histórias de sucesso, que ainda hoje recorda com especial apreço. “Tivemos o caso de um cozinheiro de um restaurante aqui de Espinho que queria muito ter filhos, mas não conseguia: estava doente. Passado algum tempo, ele disse: a minha esposa está grávida. Aquelas palavras saíram-lhe da boca com uma alegria tamanha, que também nos encheu a nós de orgulho.” Para além do trabalho com alcoólicos, Glória apoiou o Movimento das Viúvas, organizando eventos inovadores. “Organizei uma festa, que aconteceu no Salão Paroquial, com uma particularidade muito interessante: queria levar as viúvas da região a uma discoteca, pela primeira vez. Lá arranjamos um estabelecimento parceiro que nos recebeu, com chá, bolos e vinho do Porto”, anota. A sua preocupação com os idosos isolados em Espinho levou à criação da Universidade Sénior. “Fiz um estudo com médicos de família, e verifiquei que existiam muitos idosos a viverem isolados em Espinho. Isso foi a grande razão por detrás da criação da Universidade Sénior”, explica.

Universidade Sénior: a “netinha” que nunca teve

Fundada oficialmente em 22 de outubro de 1997, a Universidade Sénior de Espinho nasceu com o objetivo de proporcionar cultura e convívio aos idosos do concelho. Glória Rocha integrou desde o início a comissão instaladora e, pouco tempo depois, assumiu a presidência: “Estávamos no início do terceiro ano letivo, quando o primeiro presidente me entregou a carta de demissão. Teve problemas com um outro professor, que também pertencia à direção. E disse: ‘vai ser você a assumir o cargo’. Nunca quis ser presidente de nada, fiquei completamente baralhada”, diz. Ao longo de mais de duas décadas à frente da instituição, Glória Rocha construiu uma verdadeira comunidade, onde o envelhecimento não é sinónimo de estagnação, mas de renovação, partilha e sabedoria. O seu espírito incansável fez com que se tornasse o coração pulsante da Universidade Sénior de Espinho. Um lugar onde, como ela própria defende, se “dá vida aos anos, e anos à vida”. “Havia muitas pessoas inativas, a viverem sozinhas, sem qualquer aspeto que as chamasse de volta para a cultura, para a participação, para a vida. Gosto de pensar que viemos preencher esse espaço”

– anseia. Com uma sensibilidade social que parece vir de berço, Glória reconhece que o seu caminho se inscreve numa linhagem de mulheres cuidadoras, profundamente ligadas às suas comunidades. “Considero que a minha avó paterna e a minha mãe desempenharam também um papel de assistentes sociais na sua aldeia, nos seus núcleos. Tinha um primo que costumava dizer que eu tinha ficado para as substituir” – expõe.

“O machismo ainda continua a existir”

Ser mulher, ao longo da sua carreira, trouxe-lhe alegrias e desafios. E embora tenha muitas vezes sentido que estava “à frente do seu tempo”, não foram raras as situações em que teve de enfrentar resistência, discriminação ou mesmo hostilidade. Um desses momentos marcantes ocorreu no Centro de Saúde de Espinho: “O pior caso com que tive de lidar foi com o diretor do Centro de Saúde de Espinho. Isso conduziu, inclusive, à minha aposentação. Sempre que lhe apresentava alguma ideia, dizia que era impossível de concretizar, que não ia funcionar. Passado um mês ou dois, apresentava aquela mesma ideia como se fosse dele. Estava sempre a vigiar a minha ação”, lamenta. Apesar dos embates, Glória não perdeu a clareza nem a firmeza. Continua a defender, com convicção, que as desigualdades entre homens e mulheres são ainda muito evidentes – e não apenas no setor social. “Ainda existem mudanças muito visíveis entre homens e mulheres, nomeadamente até na questão dos salários. Por norma, um homem é muito mais facilmente contratado para o lugar de topo. O machismo ainda continua a existir”, avalia. Ainda assim, nunca permitiu que tais obstáculos a desviassem do seu propósito. Preferiu construir pontes, costurar redes, e criar respostas onde não havia nada. Em Santa Maria de Lamas, por exemplo, identificou a carência de apoio para crianças com deficiência e deu o passo. “Consegui que psiquiatras do Porto viessem dar consultas no Centro de Saúde. Depois, propus-me criar a Cerci de Santa Maria de Lamas, com essa resposta de apoio às crianças com deficiência. Antes de ser criada a Cerci Espinho fui contactada, e também dei a minha ajuda para que a instituição nascesse”, aponta. Esteve ainda ligada a outros centros de saúde, como o de Esmoriz.

Legado e futuro

Ao revisitar o seu percurso, não há vaidade nas suas palavras, mas sim a serenidade de quem fez o que era necessário, com “ética e entrega”. E o retorno, diz, “tem sido ótimo”. “A minha vida foi um bocado isto, a girar pelas instituições. Mas o retorno tem sido ótimo. A Universidade Sénior tem-me tratado muito bem, tem-me dado muitas felicidades”, diz, enquanto contempla quadros com homenagens, fixados numa das paredes da Universidade. Perdeu o filho em novembro passado, e isso fê-la recuar. Delegou as suas funções no vice-presidente da instituição, temporariamente. Tem encontrado alento no apoio que tem recebido. Mas este é um lugar onde não está habituada a estar: na posição de receber. “Agora estou a falhar. Tenho 84 anos, e a morte do meu filho em novembro passado abalou-me. Estou sempre ao dispor, mas tenho sentido um apoio muito importante da restante direção para esta fase mais frágil”, confessa. É nesse apoio, aliás, que encontra força para continuar na Universidade Sénior que é, hoje, mais do que um projeto: é um legado afetivo e identitário. “Queria muito que houvesse continuidade na

Universidade Sénior. Um dia chamei-lhe ‘a minha netinha’. Quando reuníamos em família, comemorávamos o dia dos avós. Dizia que ser avózinha era o meu grande desejo. Mas não tive netos. Então, costumo dizer que a Universidade Sénior é a minha netinha”, ajuiza. A sucessão, contudo, é um desafio. Muitos dos que se mostram entusiasmados com as atividades da Universidade recusam-se a assumir responsabilidades. “Sempre que é necessário captar novos elementos, as pessoas dão as desculpas mais esfarrapadas. Gostam muito da Universidade, das saídas, mas não querem responsabilidades. Uma vez, tive uma senhora que me disse: ‘eu aceito ser vice-presidente, que assim não faço nenhum’. Ainda existem mentalidades muito retrógradas”, lamenta. Na sua perspetiva, o futuro exige mais do que boa vontade: exige compromisso, respeito pela história construída, mas também a coragem de inovar. “Queria que entrasse alguém que desse continuidade ao trabalho na Universidade Sénior: que respeitasse o passado, vivesse o presente e avançasse para o futuro, com novos projetos. Para isso, será necessária uma cooperação eficaz. Qualquer projeto evolui assim”, assegura. Acredita firmemente que viver é arriscar, é não ceder ao medo da mudança. Essa convicção atravessa toda a sua vida – e permanece viva na sua maneira de pensar. “Viver é um risco. Temos de saber vencer os imprevistos, e o medo em avançar é o pior que pode acontecer para o progresso e para a evolução do ser humano. Temos de viver em plenitude, independentemente da idade” – aponta. E é nessa filosofia que reside o cerne da sua missão, que continua a ecoar nos corredores da Universidade Sénior, nas aulas de canto, nos passeios culturais, nas tertúlias animadas de alunos que hoje já não são “idosos”, mas estudantes curiosos. De novo. “O conhecimento é poder; alarga-nos horizontes, aumenta a nossa auto-estima”, acredita. A história de Glória Rocha não é apenas a história de uma mulher determinada. É a história de um modo de ver o mundo. De não aceitar que envelhecer e desaparecer rimem tão bem. De acreditar, profundamente, que cuidar dos outros é um ato de coragem. E de nunca deixar de questionar, de querer saber. De ser, sempre e para sempre, um eterno estudante desta coisa estranha que é a vida.

“Fiz um estudo com médicos de família, e verifiquei que existiam muitos idosos a viverem isolados em Espinho”



DR

Ovar investe 1,76 milhões para criar habitação em antiga fábrica de Cortegaça

A Câmara Municipal de Ovar vai transformar as ruínas de uma antiga unidade industrial de cordoaria, em Cortegaça, num conjunto habitacional composto por 11 moradias T3 com pátio. A empreitada, integrada na Estratégia Local de Habitação do município, representa um investimento de mais de 1,76 milhões de euros e será realizada num terreno com mais de 5000 metros quadrados, dos quais cerca de 1944 serão ocupados pelas novas habitações.

Este projeto insere-se num esforço mais amplo da autarquia para garantir habitação digna a um maior número de famílias, somando-se a outras iniciativas que elevam o

investimento total em construção e reabilitação habitacional no concelho para mais de 15 milhões de euros. As moradias, de estrutura térrea, contarão com arrumos individuais e espaços exteriores adaptados à topografia do terreno, com zonas ajardinadas e acessos otimizados através de escadas e rampas.

As novas casas serão compostas por um hall de entrada, sala de estar e jantar, três quartos, cozinha equipada, duas casas de banho (uma acessível), além de um logradouro privativo. A previsão da autarquia é que a obra tenha início ainda em abril e fique concluída num prazo máximo de um ano, seguindo o ritmo acele-

rado de outras intervenções habitacionais em curso.

O financiamento deste projeto resulta de uma candidatura ao Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), garantindo uma participação de 1,53 milhões de euros para a construção das habitações. No entanto, como os apoios comunitários não incluem a requalificação da área envolvente, o município assumirá a diferença do custo total da obra, incluindo despesas como aquisição do imóvel, fiscalização e certificação energética.

PUB

Rua 18, nº 642 - Espinho T. 912 013 945

PUB

Rua 19 nº 209 - Espinho
Tlf. 227 340 236

PUB

Rua 16, nº 1039
Espinho
Telef. 227 323 015

PUB

VALIGIA
Rua 19 Nº 188
4500-255 Espinho
Tel: 227310806
www.valigia.pt
valigiaespinho
valigia espinho

PUB

Rua 19, nº 242
Espinho
T. 913 848 818

PUB

WB
PREMIUM FITNESS
AV. D. 722 - ESPINHO
@WBPREMIUMPT

PUB

Rua 31, nº 887
Espinho
T. 227 310 707
hortodaju@gmail.com
f /hortodaju1991

PUB

a ser
different
desde 1987
Rua 20, nº838 - Espinho
T. 227320186
f i

INVESTIMENTO DO MUNICÍPIO DE ESPINHO FICA PELOS 90 MIL EUROS EM MARÇO



Total: 89.583 euros

Data de publicação	Data de celebração do contrato	Objeto do contrato	Tipo de procedimento	Preço contratual (em euros)	Entidade(s) adjudicatária(s)	Prazo de execução
03/03/2025	03/03/2025	Transporte adaptado para alunos com Mobilidade Reduzida ao abrigo da Educação Inclusiva - anos letivos 2024/2025 e 2025/2026	Concurso público	50 028	Go On Bus Everywhere - Transporte e Serviços Unipessoal, Lda.	546 dias
11/03/2025	11/03/2025	Serviços de viagens e alojamento	Ajuste Direto Regime Geral	19 995	Alive Portugal, S.A.	365 dias
27/03/2025	26/03/2025	Estudo de impacto económico, social e ambiental dos investimentos atraídos para o Município de Espinho	Ajuste Direto Regime Geral	19 560	Associação Porto Business School	150 dias





PUB

SÓPEQUENINOS

Rua 23, Nº 342
Espinho

T. 22 731 01 06
www.sopequeninos.pt



destaque

Juiz exige domínio técnico “rigoroso” a arquiteto-perito da Operação Vórtex

Joel de Oliveira

Nuno Cunha, arquiteto responsável pelo relatório pericial que acompanha o processo da Operação Vórtex, continuou a prestar esclarecimentos técnicos em torno da sua avaliação aos empreendimentos Urban 32, Lar Hércules e Golden 24, da Construções Pessegueiro. Na sessão do julgamento de quinta-feira, 3 de abril, e depois de ter assumido que o relatório havia sido concluído em dois dias, o responsável reconheceu vários erros na sua análise, e admitiu também não ter consultado alguns documentos – nomeadamente o referente ao cálculo do ponto médio, em edifícios assentes em solos com declives. No que concerne ao projeto previsto para o Lar Hércules, Nuno Cunha assumiu que havia errado na peritagem, tendo identificado a existência de um piso recuado que, no Tribunal de Espinho, disse já não existir. Questionado se havia aferido a Superfície Vegetal Ponderada (SVP) da edificação, o perito disse que não o havia feito, já que não terá tido “acesso a outros desenhos de especialidades”, e sem eles “seria impossível efetuar o cálculo” – sublinhou. Este é um parâmetro utilizado pelas câmaras municipais para calcular, entre outras realidades, a permeabilidade do solo. Em resposta à defesa de João Rodrigues, arquiteto responsável pelos projetos em análise, defendeu que o edificado existente saia “desvirtuado” da adaptação que se lhe pretendia fazer, já que o acrescento de dois/três pisos verticais “rompia” a horizontalidade que o caracterizava. Este acrescento volumétrico conferia-lhe um novo corpo, e para Nuno Cunha esta seria uma opinião enraizada naquela que é a “teoria da Arquitetura”. Mais à frente, reiterou que a análise elaborada era “casuística”. Recorde-se que o perito já havia sublinhado que, na altura em que terá sido abordado para proceder à elaboração do relatório, teria deixado “claro” que se encontrava fora, e que não se poderia deslocar – nomeadamente aos vários empreendimentos/edifícios em análise, ou ao tribunal. Questionado pela defesa do empresário Paulo Malafaia sobre se hoje acharia relevante ter ido aos vários locais, Nuno Cunha respondeu que “não”, mantendo o que já havia dito antes: que os documentos que lhe haviam sido disponibilizados seriam “suficientes” para analisar o processo. Já da parte da tarde de quinta-feira, e em resposta ao juiz Carlos Azevedo, disse “não perceber” um dos requisitos de análise que se debatia.



• Nuno Cunha foi o responsável pelo relatório pericial do processo

“Estamos a ficar com uma semântica muito apertada”

Questionado por Carlos Azevedo sobre o método de cálculo da altura da fachada do Lar Hércules, Nuno Cunha disse não se estar a sentir “confortável” com o rumo do interrogatório. “Estamos a ficar com uma semântica muito apertada. Não me sinto confortável em responder à mesma coisa quinze vezes” – desabafou. Carlos Azevedo esclareceu que, por vezes, aquilo que parece a mesma pergunta “não é, necessariamente, a mesma pergunta”. “Não estou aqui de má vontade. Estou a tentar esclarecer aquilo que é do meu conheci-

mento” – retorquiu o perito. Mais tarde, João Rodrigues também se fez ouvir, classificando de “estúpida” e “inútil” a informação dos seus projetos que estava a ser posta em causa. “Peço desculpa ao Tribunal, mas é complicado gerir emoções quando está a ser posta em causa a minha vida, o meu esforço pessoal, e o meu esforço profissional” – lamentou. “A sua resposta é algo evasiva; terá de usar um domínio técnico mais rigoroso” – pediu o magistrado a Nuno Cunha. Em resposta ao advogado de Pinto Moreira, o perito consentiu que o Plano Diretor Municipal (PDM) de Espinho era “subjetivo” e, por isso, “pode resultar em diferentes análises”. Questionado pela defesa de Miguel Reis, disse ainda “não ter dúvidas” de que poderiam existir outras visões válidas para além da sua.

“Admito: não atendi à nota complementar em torno do ponto médio”

Quando se discutiam os parâmetros técnicos em torno do projeto Urban 32, Nuno Cunha disse “não ter atendido” à nota complementar em torno do cálculo do ponto médio. Depois de ter identificado, no relatório, a existência de uma guarda terraço, o perito foi questionado pela defesa de João Rodrigues, que pediu para que a identificasse. Nuno Cunha disse não ter tido acesso a outras imagens que não as da alçada ou dos cortes gerais do edifício, nem ao desenho da planta de implementação, exibido em tribunal. Depois de o contemplar, admitiu que a mesma “pudesse não estar representada”. Questionado sobre se existiria declive no terreno onde o projeto assentaria, reconheceu que na via de acesso “sim”, existiria; mas que não tinha sido capaz de verificar o mesmo em relação ao edifício em si. Olhando para os vários desenhos, admitiu a existência de um “ligeiro” declive no local onde o edificado assentaria.

O processo Vórtex está relacionado com “projetos imobiliários e respetivo licenciamento, respeitantes a edifícios multifamiliares e unidades hoteleiras, envolvendo interesses urbanísticos de dezenas de milhões de euros, tramitados em benefício de determinados operadores económicos”. A operação culminou em 10 de janeiro de 2023 com a detenção do então presidente da Câmara de Espinho, Miguel Reis (PS), o chefe da Divisão de Urbanismo e Ambiente daquela autarquia, um arquiteto e dois empresários por suspeitas de corrupção ativa e passiva, prevaricação, abuso de poderes e tráfico de influências. Em 10 de julho do mesmo ano, o Ministério Público deduziu acusação contra oito arguidos e cinco empresas, incluindo dois ex-presidentes da Câmara de Espinho, Miguel Reis e Pinto Moreira, que também viria a ser constituído arguido no âmbito deste processo, após ter sido ouvido no Departamento de Investigação e Ação Penal Regional do Porto.

O julgamento prossegue no Tribunal de Espinho esta quinta-feira, 10 de abril, pelas 09h30.

PUB

Supermercado
NOVO ORIENTE

Rua 31, nº 914 - Espinho www.novooriente.pt

PUB

SOUL
Clothes and coffee

Rua 18, nº 309 - Espinho T. 961 014 723

PUB

RK
TERAPEUTA

CENTRO DE BEM-ESTAR E ESTÉTICA

Rua 14, nº 633 Espinho
Tel. 913 465 578 [/karasrita](https://www.instagram.com/karasrita)

PUB

CHANEL

Lélia
PERFUMARIA - GABINETE DE ESTÉTICA

Rua 23, nº 350 Espinho
T. 22 731 1458
Tlm. 912 915 303



Mais de duas mil pessoas manifestaram-se no passado sábado, no Porto, numa ação promovida pela CGTP, exigindo melhores salários, pensões dignas e condições laborais justas. A mobilização, enquadrada numa jornada nacional de protesto com iniciativas também em Lisboa e Coimbra, assume especial relevância num momento marcado pela pré-campanha para as eleições legislativas de 18 de maio. O protesto teve início no Campo 24 de Agosto, com trabalhadores de vários distritos do Norte – incluindo Porto, Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança e Aveiro – a concentrarem-se logo pelas 10h00,

seguindo depois em desfile até à Avenida dos Aliados. Sob o lema “Mais salário e melhores pensões | Defender os serviços públicos e as funções sociais do Estado. Segurança Social | Saúde | Educação | Habitação”, a manifestação pretendeu chamar a atenção dos partidos políticos para as reivindicações dos trabalhadores, reformados e jovens. Entre as exigências destacam-se o aumento dos salários em 15%, com um mínimo de 150 euros, o fim da caducidade da contratação coletiva, a redução do horário de trabalho e o combate à precariedade. A central sindical considera que estas medidas são “urgentes e

fundamentais” para melhorar a vida de quem trabalha e garantir justiça social. Com o país a viver um período de indefinição política após a queda do Governo, a CGTP entende que este “é o momento certo” para pressionar os partidos a assumirem compromissos claros em relação ao mundo do trabalho. A mobilização pretendeu ainda contrariar a ideia de que, sem um executivo em funções, as reivindicações perderiam força. Pelo contrário, a presença significativa de manifestantes no Porto demonstrou, segundo a organização, que “a urgência das exigências continua a mobilizar milhares de pessoas”. A CGTP afirma que as

políticas seguidas até agora têm beneficiado sobretudo os grandes grupos económicos, relegando os interesses dos trabalhadores para segundo plano. Para a central sindical, estas eleições representam uma oportunidade para construir uma alternativa política que coloque os direitos laborais no centro da ação governativa. Segundo a organização, participaram “milhares” de pessoas na manifestação, mas a PSP aponta para um número mais próximo dos dois mil manifestantes.

Ovar distinguido com Bandeira de Mérito Social 2025 pela ANGES

O Município de Ovar foi galardoado com a Bandeira de Mérito Social 2025, atribuída pela ANGES – Associação Nacional de Gerontologia Social. A distinção, considerada uma das mais relevantes no domínio do bem-estar social em Portugal, foi entregue na reta final do mês de março, em Oliveira do Bairro. Este reconhecimento destaca as boas práticas desenvolvidas pela autarquia na execução da sua Estratégia Local para os Direitos da Criança, através do Plano Anual de Ação para 2024, no âmbito da candidatura de Ovar a Cidade Amiga das Crianças da UNICEF. O galardão valoriza também o trabalho desenvolvido pelo Serviço de

Psicologia Municipal e pelo Programa Municipal de Envelhecimento Ativo e Saudável. Entre as ações mais relevantes, sublinha-se o plano “Ovar – Cidade Amiga das Crianças”, que em 2024 contou com 13 iniciativas direcionadas para áreas estratégicas como a participação infantil, a não discriminação, o acesso a serviços de qualidade, a proteção e o apoio às famílias. Estas atividades envolveram mais de seis mil participantes em todo o concelho. Destacam-se programas como “O Presidente Vai à Escola”, que promove o diálogo direto entre a autarquia e os alunos; “Ambienta-te”, uma ação de sensibilização ambiental; o “Roteiro da

Cidadania” e o “Caminho a Direito”, centrados na educação para os direitos e deveres cívicos das crianças; o programa de parentalidade e vinculação “DROPI”; e ainda a “Academia de Líderes UBUNTU”, focada na capacitação de agentes locais com impacto multiplicador na comunidade. A atribuição da Bandeira de Mérito Social, criada em 2022 e decidida por proposta do Conselho Consultivo da ANGES, visa distinguir entidades que se destaquem na promoção da inclusão, do bem-estar e da coesão social.

PUB



POLICLÍNICA DE ESPINHO

Cuidar para a vida!

Especialidades:

ALERGOLOGIA RESPIRATÓRIA
Dr. Jorge Seada
ANDROLOGIA / SEXOLOGIA
Dr. André Pinto
ANGIOLOGIA
Dr. Duarte Rego
AUDIOLOGIA
CARDIOLOGIA
Dr. Tiago Dias
CIRURGIA GERAL
Dr. Jorge Daniel
CIRURGIA VASCULAR
Dr. Duarte Rego
CLÍNICA GERAL
Dr. Luis Monteiro, Dr. Vaz Macedo,
Dra. Arlete Almeida, Dra. Ana Simões

DERMATOLOGIA
Dra. Rute Barrosa, Dra. Natividade Rocha
ELETROMIOGRAFIA
Dr. Julio Parrondo
ENDOCRINOLOGIA
Dr. Eduardo Souto
GINECOLOGIA
Dra. Rosa Zulmira
INFECIOLOGIA
Dra. Sofia Valdeleiros
MEDICINA DE VIAGEM
Dra. Sofia Valdeleiros
MEDICINA DESPORTIVA
Dra. Ana Simões
NEUROLOGIA
Dr. Miguel Milheiro

ENFERMAGEM

NEUROCIRURGIA
Dr. José Luis Alves
NEUROPSICOLOGIA
Dra. Diana Maia
NUTRIÇÃO
Dra. Suéli Maceda, Dra. Carolina Alves
OBSTETRÍCIA
Dra. Rosa Zulmira
OFTALMOLOGIA
Dr. Carlos Areosa Cruz, Dra. Ana Maria Cunha,
Dr. Pedro Alves Faria, Dra. Joana Rodrigues Araújo
ONCOLOGIA
Dra. Sílvia Lopes
ORTOPEDIA
Dr. José Carlos Leitão, Dr. José Figueiredo,
Dr. António Pinto Oliveira, Dr. Rui Rocha

OTORRINOLARINGOLOGIA
Dr. Roberto Assis, Dr. Francisco Curral Monteiro, Dr. Tiago Soares Santos
PEDIATRIA
Dr. Pombeiro Veloso, Dra. Inês Ferreira, Dra. Serafina Freitas
PNEUMOLOGIA
Dr. Jorge Seada
PODOLOGIA
Dra. Hélia Aguiar
PSICOLOGIA
Dra. Sandra Araújo, Dra. Ana Verónica Ambrósio.
PSIQUIATRIA
Dra. Rosário Curral, Dr. Paulo Macedo
TERAPIA DA FALA
Dra. Karina Moreira
UROLOGIA e UROLOGIA PEDIÁTRICA
Dr. André Pinto



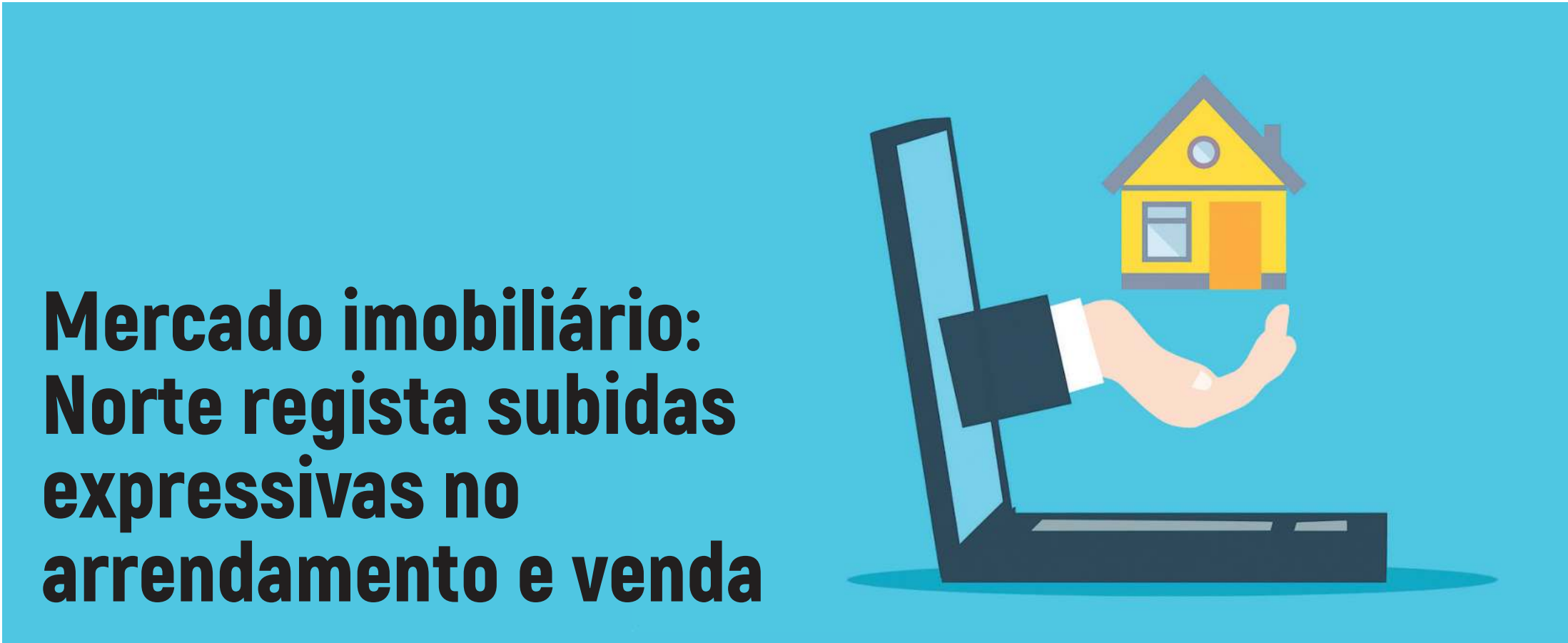
227 330 640

Rua 33, n.º 408 4500-149 ESPINHO

geral@policlinicaespinho.pt

www.policlinicaespinho.pt

espaço cidadão



Mercado imobiliário: Norte regista subidas expressivas no arrendamento e venda

O Imovirtual, portal centrado no setor imobiliário em Portugal, divulgou o seu mais recente barómetro mensal, que analisa a evolução dos preços médios de imóveis para arrendamento e venda durante o mês de março de 2025. O estudo compara os dados com o mês anterior, fevereiro de 2025, e com o período homólogo de 2024, fornecendo uma perspetiva abrangente sobre as principais dinâmicas do mercado. De forma global, os dados confirmam a manutenção da tendência de crescimento dos preços, tanto no mercado de arrendamento como no de compra, com aumentos mais expressivos nas regiões do Sul e nas Ilhas. No entanto, a zona Norte do país tem vindo a ganhar destaque, com vários distritos a registarem subidas significativas, evidenciando uma procura crescente e sinais de valorização sustentável.

Arrendamento: Vila Real com a maior subida nacional; Porto reforça posição como mais caro do Norte

Em março de 2025, o valor médio do arrendamento em Portugal situou-se nos 1.300€, representando um aumento mensal de 4% e uma subida anual de 8% face ao mesmo período de 2024. Esta evolução demonstra uma pressão crescente sobre o mercado de arrendamento, com maior incidência nas zonas urbanas e costeiras. No Norte, o distrito de Vila Real destacou-se como o caso mais expressivo de valorização, com um aumento mensal de 20%, passando de 500€ para 600€. Esta subida representa também uma variação anual de 22%,

refletindo um mercado em rápida transformação, com aumento da procura e valorização do parque habitacional. Viana do Castelo registou igualmente uma subida relevante de 7% face ao mês anterior, atingindo agora uma média de 800€, enquanto o distrito do Porto, tradicionalmente um dos mais caros da região, fixou o preço médio nos 1.200€, com uma variação mensal e anual de 4%. Esta evolução consolida o Porto como o centro urbano mais valorizado do Norte para arrendar habitação. Em contraciclo, Bragança apresentou uma quebra mensal de 10% (de 525€ para 475€), ainda que mantenha uma valorização anual de 6%, mostrando que, apesar de oscilações pontuais, continua a ser um dos mercados mais acessíveis da região. Os distritos de Braga (900€), Aveiro (900€) e Guarda (500€) mantiveram-se estáveis em relação a fevereiro, embora a Guarda tenha evidenciado um crescimento anual de 18%, sinalizando um potencial de valorização futura.

Venda de imóveis: Aveiro e Vila Real lideram valorização no Norte; Bragança regista quebra

No mercado de compra e venda, a valorização foi igualmente evidente. O preço médio nacional de venda subiu para 395.000€, um acréscimo de 3% em relação a fevereiro e de 22% em termos anuais. Esta dinâmica demonstra a confiança dos investidores e a procura contínua por imóveis, mesmo num contexto de desafios económicos e subida das taxas de juro. A região Norte acompanhou esta tendência, com o distrito de Aveiro a destacar-se como o mais

dinâmico, registando uma subida mensal de 5% (de 325.000€ para 339.788€), acumulando uma valorização anual de 18%. Este desempenho revela o crescente interesse por Aveiro como alternativa residencial ao Porto, dada a sua localização estratégica e qualidade de vida. Vila Real voltou a evidenciar sinais de crescimento, com uma subida mensal de 4% (para 184.500€), reforçando uma valorização anual de 9%. Os distritos de Braga e Viana do Castelo seguiram a mesma trajetória, com aumentos mensais de 2%, acompanhando o crescimento geral da região. O Porto, com uma valorização de 1% no último mês, atingiu os 380.000€, mantendo-se entre os distritos mais valorizados da zona Norte. No entanto, Bragança voltou a destacar-se pela negativa, com uma quebra mensal de 4%, descendo para os 113.250€, o que representa também uma desvalorização anual de 6%. Este comportamento poderá refletir limitações na procura ou menor dinâmica económica local.

Comparação nacional: Norte mantém-se acessível, mas com sinais claros de valorização

Ao analisar o panorama nacional, continuam a verificar-se disparidades acentuadas entre regiões. O Centro e o Norte mantêm-se como as zonas mais acessíveis para arrendar, com distritos como Bragança (475€), Guarda (500€) e Castelo Branco (550€) a oferecerem valores bastante abaixo da média nacional. Já os distritos mais caros continuam a concentrar-se no Sul e nas Ilhas, com Lisboa a liderar (1.750€), seguida da Madeira (1.650€), Faro (1.260€) e

Setúbal (1.250€). A Ilha Terceira também se destacou neste barómetro, com uma subida mensal de 18%, refletindo o crescente interesse por zonas insulares. No mercado de compra, a hierarquia repete-se: Lisboa lidera com 595.500€, seguida da Madeira (575.000€) e Faro (509.850€). Por outro lado, os distritos mais acessíveis incluem Castelo Branco (83.500€), Guarda (99.000€), Bragança (113.250€) e Portalegre (120.000€) – com o Norte a oferecer oportunidades competitivas para aquisição de habitação.

Fatores em jogo: periferia atrai compradores, turismo pressiona centros urbanos

O relatório do Imovirtual destaca também os fatores que estão a influenciar estas variações. A procura crescente por zonas periféricas e do interior tem impulsionado a valorização de distritos como Vila Real e Aveiro, enquanto a escassez de oferta habitacional nas zonas costeiras e urbanas continua a fazer subir os preços em locais como Lisboa e Porto. O impacto do turismo, especialmente no Sul e nas Ilhas, também é visível nos dados. O mercado de arrendamento continua a ser a solução mais viável em zonas urbanas e com maior mobilidade populacional, enquanto o mercado de compra apresenta maior valorização nas zonas com forte atratividade turística e menor oferta de imóveis disponíveis.

PUB



Rua 4, N.º540 Espinho
Tel.: 227 321 000
facebook.com/aquario.espinho/

PUB

PONTO Chic Fabrico Próprio
Rua 19, nº 172 - Espinho
T. 227 311 409

PUB

ABG ELETRÓNICA
Amorim Barata Garcia, Unip. Lda.
Centro Técnico Eletrónico - Reparações
TV - LCD - Antenas - Componentes p/ Eletrónica
Montagens
Rua 26 n. 329/347 - 4500-163 Espinho
T.227 343 284 abgsat@gmail.com
www.abgtronica.com

o explicador



O que são as novas tarifas de Trump? E por que está a usá-las?

O Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, anunciou, a 2 de abril, a implementação de novas tarifas aduaneiras sobre produtos importados para os EUA, designando a ação como a "Declaração de Independência Económica. Com mais de 60 países afetados por estas medidas, no passado sábado, 5 de abril, entrou em vigor a taxa base de 10% para todos os produtos importados de qualquer país. Hoje, dia 9, entram em vigor as tarifas

O que são tarifas e como funcionam?

As taxas são impostos cobrados pelos governos sobre bens importados com o objetivo de proteger a produção interna, aumentando o custo desses produtos estrangeiros e tornando-os menos competitivos face aos produtos nacionais. Funcionam como uma espécie de "barreira", incentivando os consumidores a optarem por produtos nacionais e podem também servir como fonte de receita para o governo.

O novo regime imposto por Trump aplica uma taxa base de 10% a todas as importações, além de tarifas adicionais para determinados países. No dia 3 de Abril, entraram em vigor as anunciadas taxas sobre as importações de automóveis, (20%)); a tarifa base, de 10%, entrou em vigor a 5 de abril, e as tarifas recíprocas começam, hoje, 9 de abril.

Como foram calculadas as taxas de Trump?

De acordo com a Administração Trump, a nova estrutura tarifária foi calculada com base no défice comercial dos EUA com os países em questão. Existem, assim, duas principais tarifas:

1. tarifa base de 10%, que é aplicada a todas as importações para os EUA, com exceção dos produtos provenientes do Canadá e do México, que estão isentos devido ao acordo de livre comércio;
2. tarifas recíprocas: variam entre os 10% e os 50%, e serão impostas a cerca de 60 países com base em critérios como os superávits comerciais com os EUA. Por exemplo, a China enfrenta uma tarifa total de 54%, enquanto a União Europeia viu ser aplicada uma tarifa de 20%.

Porque é que Trump as está a usar?

Trump argumenta que as tarifas incentivam os consumidores americanos a comprarem produtos fabricados nos EUA, o que impulsionará a economia nacional e aumentará a receita fiscal. Além disso, é sua pretensão corrigir o défice comercial dos EUA, que em 2024 atingiu os 213 mil milhões de dólares em relação à União Europeia – um valor que considera ser "uma atrocidade".

Outra razão para a implementação das tarifas tem sido a "pressão política sobre parceiros comerciais estratégicos", explica um artigo da BBC. As primeiras tarifas desta nova administração visaram a China, o México e o Canadá, com Trump

a justificar que pretendia que estes países fizessem mais para travar a entrada de migrantes e drogas nos EUA.

Como vão responder os outros países?

As reações internacionais não se fizeram esperar. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou que a União Europeia vai retaliar às novas tarifas por forma a "salvaguardar os seus interesses económicos" e "proteger os consumidores e as empresas".

A apresentação de queixas junto à Organização Mundial do Comércio ou a busca de novas alianças comerciais para mitigar os impactos das tarifas americanas poderão ser outras respostas.

Como vão ficar os preços para os consumidores dos EUA?

Segundo a BBC, as novas tarifas deverão levar a um aumento dos preços em diversos produtos importados. Os economistas citados pelo meio de comunicação social britânico explicam que, enquanto algumas empresas podem absorver parte dos custos adicionais ou procurar fornecedores alternativos, outras acabarão por repassar esses custos aos consumidores finais.

O Fórum Económico Mundial acrescenta que produtos eletrónicos, vestuário e automóveis estão entre os mais afetados, e os preços deverão aumentar nas próximas semanas.

Quais as consequências para Portugal?

Embora as consequências da aplicação destas tarifas ainda estejam em aberto, é possível antever vários cenários, nomeadamente: aumento da inflação, desaceleração do crescimento económico e possível redução nas exportações dos EUA.

Portugal, como Estado-Membro da União Europeia, está sujeito às tarifas de 20% impostas pela Administração Trump. Ou seja, setores portugueses que exportam para os EUA, como o corticeiro, têxtil e calçado, podem enfrentar desafios acrescidos devido ao aumento dos custos para os consumidores americanos, reduzindo a competitividade dos produtos portugueses no mercado norte-americano.

No entanto, Mário Centeno, governador do Banco de Portugal, apelou à "tranquilidade" face ao que será o futuro. "Vamos encontrar alternativas, perceber qual o grau de temporalidade destas medidas, e estamos preparados para reagir" – afirmou em declarações à RTP.

Fontes consultadas: BBC, Fórum Económico Mundial, e RTP.

A JUNTA DE FREGUESIA DE SILVALDE DESEJA

BOA PÁSCOA

desporto



Mariana Azevedo, nadadora do Sporting Clube de Espinho, sagrou-se vice-campeã nacional, na prova de 50 metros bruços, no escalão de juvenis A, durante os Campeonatos Nacionais de Juvenis, Júniores e Absolutos que decorreram entre os dias 3 e 6 de abril no Complexo de Piscinas do Jamor.

A final realizou-se na manhã da passada sexta-feira, 4 de abril, e a jovem atleta garantiu o segundo lugar do pódio com um tempo de 35.63 segundos, numa prova bastante renhida. O primeiro lugar foi conquistado por Rita Brito, do Naval Setubalense (34.27), enquanto Maria Neto, do Condeixa Aqua Clube, completou o pódio com 36.27 segundos.

O evento, organizado pela Federação Portuguesa de Natação, integra também o Open de Portugal, reunindo 738 nadadores de 96 clubes de todo o país. O SC Espinho esteve representado na competição com uma comitiva de seis nadadores – quatro do setor masculino e duas do feminino.

Voleibol: Sporting CP vence em Espinho e fica a uma vitória da final

Empurrada por um pavilhão cheio e ruidoso, a Associação Académica de Espinho voltou a dar luta, mas não conseguiu travar o Sporting CP, que venceu por 3-0 no segundo jogo das meias-finais do playoff da Liga UNA 2024/2025. Com este resultado, os “leões” ficam a apenas uma vitória de garantir a presença na final.

Apesar do ambiente marcado pelo apoio dos adeptos espinhenses no Pavilhão Arquiteto Jerónimo Reis, os comandados de Miguel Maia não conseguiram contrariar o favoritismo do Sporting, que venceu com os parciais de 25-22, 25-21 e 25-20.

Tal como acontecera no primeiro jogo, em Lis-

boa, os “mochos” conseguiram equilibrar partes do encontro, mas acabaram por ceder perante a eficácia da formação leonina. A eliminatória, jogada à melhor de cinco partidas, está agora em 2-0 a favor do Sporting.

Pela equipa da casa alinharam Guilherme Maia (1 ponto), Jonadabe Santos (11), Gustavo “Polegar” (5), Nacho Benitez (2), José Rojas (8) e Dani Monteiro (5), com João Fidalgo como líbero. Entraram ainda Hugo Vinha, Vinicius Santos (4), Bernardo Oliveira, Filipe Leite (1) e Ricardo Alvar.

A terceira partida entre Sporting CP e a Académica de Espinho realiza-se hoje, 9 de abril, no Pavilhão João Rocha, em Lisboa, às 20h00. Os academistas estão obrigados a vencer para se manterem vivos na luta por um lugar na final da Liga UNA.

Do outro lado, o Benfica bateu o Leixões por 1-3 no jogo 2 da meia-final do play-off, realizado em Matosinhos. Com este triunfo, os encarnados lideram a eliminatória e estão também a uma vitória da final. O próximo encontro acontece hoje, quarta-feira, às 20h45, na Luz.

Florgrade mantém pé no acelerador, e Ovarense não descola

Separadas por apenas um ponto, Florgrade FC e AD Ovarense voltaram a vencer este fim de semana e um duelo de alto risco está marcado para o próximo domingo. A seis jornadas do fim, o confronto direto entre Florgrade e Ovarense, agendado para 13 de abril, no Parque do Buçaquinho, poderá revelar-se decisivo na corrida pelo título do Campeonato Sabseg.

A Florgrade visitou e goleou o AC Cucujães por 1-5, num jogo em que mostrou toda a sua força ofensiva. Fábio Vieira (22’), Pedro Silva (45+2’), Basit Ahmed (51’ e 90+3’) e Leandro Borges (70’) assinaram os golos da formação do Buçaquinho. O único tento do AC Cucujães foi

apontado aos 25 minutos da primeira metade do encontro.

A Ovarense, por sua vez, venceu o RD Águeda em casa por 3-2. Diego Tavares abriu cedo o marcador (6’), Luís Fellipe ampliou aos 39’ e bisou aos 69’, com um belo cabeceamento. O RD Águeda ainda reagiu com dois golos, mas os vareiros conseguiram segurar a vantagem e os três pontos.

Jogo dos ‘tigres’ adiado para 7 de maio

Já o encontro entre o SC Espinho e o Relâmpago Nogueirense, que se iria realizar no passado domingo, foi adiado para 7 de maio, quarta-feira, às 20h00. O adiamento do jogo deveu-se à indisponibilidade de efetivos policiais para o encontro com o clube de Nogueira da Regedoura, sendo que “a Associação de Futebol de Aveiro não prescinde de policiamento nestes jogos”, refere o SC Espinho em comunicado. Na próxima jornada, 13 de abril, os ‘tigres’ deslocam-se ao reduto do ADC Lobão, pelas 16h00.

PUB

RESTAURANTE • CHURRASCARIA
BALIZA

R. 8, Nº471 - 4500-363
Espinho (frente ao Casino)
Serviço Take Away

Tel.: 227 340 220

facebook.com/Restaurante-Baliza

PUB

Escola de Condução
COSTA VERDE

Rua 16, nº 1139 - Espinho
e.c.costaverde@hotmail.com

Tel. 227 344 010
Tlm. 963 590 913

PUB

TROPICANA
Confeitaria • Café • Snack-Bar

Rua 19, nº 815 - Espinho
T. 227 344 915

OVARENSE GAVEX PERDE COM ADVERSÁRIO DIRETO E É ULTRAPASSADA NA TABELA

A Ovarense Gavex saiu derrotada (87-92) da receção à UD Oliveirense, partida da Liga Betclit – Basquetebol Sénior Masculino, que aconteceu na noite do passado sábado, 5 de abril. A formação de Oliveira de Azeméis entrou melhor no primeiro período (11-19), mas os vareiros conseguiram recuperar no segundo tempo, e chegaram mesmo ao intervalo a vencer (36-31). No arranque da segunda metade do encontro, a UD Oliveirense voltou a estar por cima da partida (53-55), e chegava ao período decisivo

da partida na frente. Essa vantagem foi dilatada no quarto e último período do encontro, com a Ovarense a não conseguir travar as soluções ofensivas dos forasteiros. Com este resultado, a Ovarense desce para o quinto posto da tabela classificativa, ultrapassada precisamente para a UD Oliveirense, que ascende ao quarto posto.



Arquivo FPB

EV-Peraltafil participa em três provas de atletismo e alcança vários lugares de destaque

A equipa de atletismo EV-Peraltafil, de Espinho, participou no passado domingo em três competições distintas, registando classificações de relevo tanto a nível individual como coletivo. Em Condeixa, na prova "Corrida das 4 Estações", Carlos Costa alcançou o 3.º lugar da classificação geral, assegurando um lugar no pódio. No Grande

Prémio de Atletismo de Albergaria, a EV-Peraltafil conquistou o 1.º lugar coletivo. Na vertente individual, Ricardo Pereira foi 3.º classificado no escalão Sénior (4.º da geral), Marco Marques terminou em 6.º no mesmo escalão (11.º da geral), e Pedro Magalhães em 8.º (17.º da geral). Manuel Bessa classificou-se em 4.º lugar no escalão

M50, enquanto Patrícia Ferreira concluiu a prova na 6.ª posição do escalão Sénior feminino. Em Barcelos, na Meia Maratona do Cávado, Cristiana Santos alcançou o 5.º lugar no escalão Sénior feminino, encerrando a participação da equipa no conjunto de provas do fim de semana.

PUB

BARBEARIA DO MIDÃO

Rua 22, nº 305 Espinho Tlm: 915 089 434

PUB

528hz

Cafetaria
Pastelaria caseira
Opções Vegan
Pet Friendly
Book Lounge
Esplanada Interior

@528hz_vibes

Rua 25, nº 340
4500-280
Espinho

PUB

Tele Rocha

Gás, Móveis e Electrodomésticos, Lda.

Avenida 24, nº 789
4500 - 201 - Espinho
Tlf. 227 330 730 | 227 341 612

PUB

Diagnóstico e reparação
automóvel

PAULO VIEIRA

Rua Heliodoro Pereira da Silva 76
4500-182 Espinho
tlf: 227 327 555 / 916 864 154
paulovieiratavares@sapo.pt

PUB

ROMY

Hair Couture

Feliz Páscoa!

Rua 25, nº 281 - Espinho
T. +351 227 321 995

PUB

CASA MENINO JESUS

Artigos Religiosos
Cera de Toda a Qualidade

Rua 4, nº 642 4500 - 343 Espinho
Tel. 227 313 201

PUB

pérola noivos
atelier

Pronto a vestir para cerimónia

Rua 33, nº 943
Espinho

Tlm. 918 760 442
Tlf. 220 964 743

PUB

MARSOL
LAVANDARIA

Todo o tipo de limpeza a seco
Recolhas e entregas ao domicílio

Feliz Páscoa!

Rua 33, Nº. 933
4500 - 315 ESPINHO

TEL. 227 346 347
TLM. 912 766 762

PUB

oe
OPTICA
DE ESPINHO

Rua 23, nº 850 - Espinho T. 22 732 4359 geral@opticaeespinho.com

PUB

Belameia
desde 1969

Milhas | Moda | Confeção

Interiores: Homem e Senhora
Rua 23, Nº. 316 - Espinho
Tlf.: 936 506 461

PUB

HOUSELAND
INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS
Real Estate Investments

Rua 21, 256 Espinho
geral@houseland.pt
www.houseland.pt

PUB

**Café
Água Doce**

RUA, 33, Nº 309 4500-150 - ESPINHO TEL. 227 314 141



Aipal

NO CORAÇÃO
DE ESPINHO,
DESDE 1964



R. 18, 1029	R. 19, 250
R. 23, 55	R. 39, 250
R. 26, 972	R. 6 (MARINHA)



#PROJECTOPERFEITO

os melhores imóveis estão aqui

REVISTA DIGITAL

www.projectoperfeito.com





optivisão

Comparticipação direta com:
Médis, Multicare

Telf.: 22 731 2618 opticaspremier@gmail.com [OpticaPremierEspinho](#) [@opticas.premier](#)

Rua 18, Nº717 - Espinho



TEATRO . CINEMA . DANÇA . CERÂMICA . MÚSICA . AMBIENTE . JORNAL .

NASCENTE

49 anos a dar voz à cultura

1% do seu IRS ajuda-nos a levar a **cultura a todos**

sem custos

NIF: 500 615 268

no modelo 3, quadro 1, campo 1101